

IDENTIDADE LASSALISTA

SUBSÍDIOS PARA ENCONTROS DE ESTUDO E FORMAÇÃO

Por uma Equipe de Peritos Lassalistas

Apresentação

Em junho de 2002, a Comissão Internacional Lassalista “*Associados para o Serviço Educativo a Pobres*”, com o assentimento do Irmão Superior Geral e seu Conselho, reuniu cinco peritos, com o encargo de elaborar um documento sobre a Identidade Lassalista. A perspectiva global do documento deveria ser a nova e complexa realidade da Associação Lassalista, e ao mesmo tempo deveria contribuir para elucidar melhor a identidade específica do Irmão, em conformidade com o que foi solicitado na proposição 17 do 43º Capítulo Geral, de 2000.

Os cinco peritos, Irmãos *Bruno Alpago* (Argentina), *Robert Comte* (França), *Pedro Gil* (Espanha), *Michael Meister* (Estados Unidos) e *Gerard Rummery* (Austrália), como se vê, procedentes de variadas Regiões e culturas, trabalharam durante mais de um ano e meio, com três encontros presenciais de vários dias cada um, e mediante o uso do correio eletrônico durante todo o tempo restante.

Primeiramente, estes peritos analisaram em profundidade as questões que lhes foram incumbidas pela Comissão, e as expectativas expressadas sobre o documento que deviam elaborar. Em seguida, tinham que entrar em acordo acerca da maneira como deveriam orientar suas reflexões:

- ✓ Dois núcleos centrais que mutuamente se instruem: Identidade e Associação.
- ✓ Um eixo transversal que é a comunidade. A comunidade não será um capítulo à parte no conjunto, mas será a perspectiva a partir da qual se configura a identidade lassalista, o pólo que penetra os outros elementos: Missão, Consagração, Espiritualidade – e infunde neles o carisma lassalista.
- ✓ Uma leitura preferentemente narrativa, que revigore a importância do nosso “mito fundacional” (as origens da nossa história), como facho de luz para todo o itinerário lassalista e raiz vital para nossa identidade coletiva. E, ao mesmo tempo, uma leitura atenta aos sinais dos tempos e às mudanças que hoje estão acontecendo, porque essa identidade continua fazendo história, porém não a repete.
- ✓ Os destinatários do documento serão uma totalidade muito variada de pessoas que, atualmente, se reconhecem na identidade coletiva lassalista, encontrando-se no meio dessas pessoas algumas que não participam diretamente na fé cristã, pois o carisma lassaliano transborda os

limites da Instituição Eclesial oficial. O documento deverá manter a tensão entre os dois pólos: sua fidelidade ao Evangelho e à Pessoa de Jesus, que é o coração da identidade lassalista, e o reconhecimento da ação do Divino Espírito Santo através de outras tradições religiosas. A linguagem deverá ser suficientemente compreensível e inclusiva, e ao mesmo tempo deverá atender àquilo que é específico a uma ou outra forma de viver a identidade lassalista, e concretamente a do Irmão.

A elaboração das sucessivas minutas do documento se realizou num permanente diálogo, cada um dos peritos se deixando contestar pelos pontos de vista dos demais e pelas reações que chegavam de fora da equipe.

O texto que aqui apresentamos não é um texto definitivo. A intenção dos autores, bem como da Comissão, é de apresentar ao mundo lassalista algo como “*subsídios para encontros de estudo e de formação*”. A intenção, na realidade, é estimular para pôr em marcha encontros múltiplos em que intervenham as diferentes identidades lassalistas, quer seja em grupos homogêneos, ou de composição variada. Os autores destes subsídios, no final de cada capítulo apresentam como sugestão uma série de questões para orientar a reflexão. Mas, é importante seguir metodologicamente o processo que eles seguiram:

- ✓ Em primeiro lugar, é preciso dedicar um longo tempo, sem pressa, para refletir, escutar, partilhar... Especialmente valiosos serão os encontros de vários dias seguidos, em que a convivência e a oração em comum sejam a base da reflexão.
- ✓ Em seguida, será preciso tomar consciência dos questionamentos e das obscuridades que se aninham em nós mesmos, em nossos entornos, em nossa cultura, nos sinais dos tempos em que vivemos.
- ✓ Ao longo da reflexão temos que estar atentos para encontrar os eixos centrais, os pontos de apoio, aquilo que garante a continuidade e a progressão da identidade, as fontes de vida... Para isto se torna necessário recorrer à riqueza documental que herdamos, iniciando pelos escritos do santo Fundador.
- ✓ Compartilhando nossas conclusões e descobertas com outros grupos, escutemos suas contribuições, notemos os diversos realces, distingamos o que é comum e o que é específico de grupos ou de culturas...
- ✓ E, com o objetivo voltado para a elaboração de um documento de consenso sobre a identidade lassalista, o que modificaríamos no que aqui é apresentado? – O que vamos acrescentar?

Irmão Antonio Botana
Secretário para os Associados Lassalistas

Queiram enviar os resultados de seus encontros, longos ou breves, ao seguinte endereço:

abotana@lasalle.org

1. O ITINERÁRIO DA COMUNIDADE LASSALIANA

Irmão Gerard Rummery, fsc

Todas as obras educacionais lassalistas do mundo, nos dias de hoje, têm sua referência original em São João Batista de La Salle (1651-1719) e no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs de que ele é o fundador. Sua obra teve início na época que nós denominamos de modernidade, quando a França, que ele conheceu, presenciou o êxodo maciço de populações rurais para as cidades, então em rápido desenvolvimento. A preocupação de La Salle e dos seus primeiros Irmãos pela educação dos pobres das cidades, se desenrolou em desconformidade com o *background* do apogeu da civilização francesa, na corte de Luiz XIV.

Qual teria sido a força dinâmica e vital dessa fundação que lhe permitiu sobreviver à supressão em seu país de origem em 1792, à sua restauração em 1803, e depois, sua expansão por todos os continentes, de maneira tal que, hoje, 96% dos associados e colaboradores, estritamente falando, não são membros da Congregação, mas se crêem participantes, de maneiras variadas, da mesma herança lassaliana?

Nas páginas que seguem, tenciona-se conectar a continuidade da intuição fundacional com a vitalidade do movimento lassalista de hoje.

1. O itinerário pessoal de La Salle rumo ao sacerdócio

O itinerário da primeira comunidade dos Irmãos das Escolas Cristãs iniciou com a caminhada pessoal de João Batista de La Salle. Somente mais tarde lhe foi acrescido o percurso dos seus primeiros professores. O jovem cônego, cuja competência administrativa e autoconfiança haviam sido comprovadas entre 1672 e 1687, como ele próprio afirmou sem se aperceber disso, decidiu associar-se, mediante promessa solene, a um grupo de homens, aos quais inicialmente situara numa categoria social abaixo do nível dos seus empregados. – Antes de nos determos nos acontecimentos decorrentes do encontro com *Adrien Nyel* em 1679, é importante tomarmos em consideração o caminho andado pelo jovem La Salle, sobretudo em meio ao sofrimento da perda dos pais, e da contingência de ter que assumir as responsabilidades da tutoria de sua família, entre 1672 a 1678.

Os biógrafos relatam o falecimento de sua mãe em 19 de julho de 1671, e o de seu pai, em 9 de abril de 1672. O jovem La Salle, então seminarista em Paris, não pôde estar presente nos funerais. A mãe já fora sepultada quase duas semanas antes de ele chegar a Reims para um encontro com o atribulado pai e com seus irmãos e irmãs, todos mais jovens que ele. Passados apenas nove meses, faleceu também o pai. Sabemos que João Batista fez um retiro de Semana Santa em *Saint Sulpice* antes de ter que interromper seus estudos e sua residência em Paris e, portanto, somente duas semanas depois regressou a Reims para assumir o encargo de administrador das propriedades de seu pai. – Mercê da pormenorizada pesquisa do Irmão *León Aroz*, em *Cahiers Lasalliens*, números 26-32, estamos agora a par de muitas circunstâncias de como ele viveu esses anos, entre 1672 e 1678, mas somente podemos conjecturar sobre suas amarguras e seus sentimentos de isolamento e de perda dos pais. Com a vantagem de um olhar retrospectivo, podemos intuir facilmente quanto tenha crescido sua fé pessoal, e como ela se tenha fortificado ao longo desses anos dedicados ao governo de sua família.

2. Uma tensão mental para resolver

Em primeiro lugar, deve ter-se apresentado a tensão entre sua orientação pessoal rumo ao sacerdócio e suas novas obrigações de administrador. Se, inicialmente, retomou seus estudos teológicos em maio, apenas algumas semanas após retornar a Reims, e foi ordenado subdiácono em 1º de junho, em *Cambrai*, em outubro teve que adiar seus estudos em consequência de suas obrigações administrativas. Esse senso de fidelidade às suas primordiais obrigações de tutor da família, contudo, nunca puderam fazer com que perdesse de vista o objetivo da ordenação sacerdotal, à qual se sentia chamado por Deus.

Em segundo lugar, podemos fazer-nos uma idéia da influência duradoura do Seminário de *Saint Sulpice* ao longo de toda a sua vida, evidenciada especialmente na importância que ele atribuiu à santa presença de Deus em seus últimos escritos, e nas meditações sobre a oração interior (*oraison*) e, no período de crise em 1691, numa óbvia imitação de *Jean-Jacques Olier* e seus dois companheiros no conteúdo e na forma do “voto heróico” daquele ano. E, a submissão que teve a seu diretor espiritual em *Saint Sulpice*, no discernimento da vontade de Deus, acaso não teria sido a centelha que mais tarde o levou a forjar um relacionamento tão especial com *Nicolas Roland*, seu diretor espiritual? Ainda que a insistência de *Roland* para que renunciasse a seu canonicato não tenha dado em nada, devido à mudança de idéia do pároco, pode ter sido uma importante lição para compreender a força da pressão hierárquica para manter o *satus quo*, algo que La Salle haveria de experienciar muitas vezes na vida. Nomeado executor testamentário de *Roland*, La Salle teve êxito no reconhecimento legal das Irmãs do Menino Jesus. E foi assim que, enveredando numa nova trilha de relacionamento com essas Irmãs, que chegou a conhecer *Adrien Nyel*, a consultar *Nicolas Barré*, e, seguindo o conselho deste, converter-se em orientador do grupo de professores de *Nyel*.

3. Fidelidade à vontade de Deus

A *Memória dos Começos* não deixa dúvida de que o inesperado encontro com *Adrien Nyel*, no início de 1679, teve conseqüências que chegaram a ser um verdadeiro teste da fidelidade de La Salle. É difícil não perceber que em numerosas circunstâncias até 6 de junho de 1694, La Salle pareceu ver como tarefa sua dar estabilidade a essa nova comunidade que ele tinha fundado quase a malgrado seu, mas parece que não a considerava como a obra de sua vida. Suas variadas tentativas para permitir aos membros que decidissem sobre seu próprio futuro como uma comunidade de homens leigos com sua própria autonomia e sob a direção de um superior leigo, certamente pode dar a impressão de que foi apenas em 1694 que ele viu que Deus o chamava a emitir voto perpétuo com eles e como um deles. Na realidade, a própria data da *Memória* (uns quatorze anos depois) sugere que por volta de junho de 1694 La Salle se deu conta de que seu trabalho de ajudar a estabilizar essa comunidade por fora, já não era suficiente. O mesmo espírito de fé que o conduziu até esse momento, agora o conduzia a dedicar o restante de sua vida a essa tarefa.

Fidelidade, para La Salle, não significava percorrer um caminho que outros já tinham andado anteriormente. Significava bem antes, o reconhecimento de que o Espírito de Deus o convocava ativamente, através dos acontecimentos e dos desafios de sua atual situação a uma fidelidade a um futuro que de maneira alguma se apresentava claro e seguro, exceto quanto à total abertura a esse “Deus que é tão bom...”

4. Percorrendo o caminho com espírito de fé

Em seus 18 meses de permanência no Seminário de *Saint Sulpice*, La Salle parece ter compreendido e assimilado uma das características da espiritualidade do século XVII francês no que se refere ao discipulado cristão. Não se tratava tanto do “seguimento”, ou inclusive da “imitação” de Cristo, e do seguimento do exemplo de Cristo, mas, num sentido mais profundo, da maneira como Cristo devia viver em nós. A própria invocação que, mais tarde se converteu em santo e senha da comunidade “*Viva Jesus em nossos corações! Para sempre!*”, foi uma oração constante da comunidade e dos seus membros, uns pelos outros. É impressionante observar com quanta frequência, em sua *Explicação do Método da Oração Mental*, La Salle evoca o texto de Gálatas 2, 20: “*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*”, como a disposição interior a que a fé nos deve conduzir.

“*Considerar tudo pelos olhos da fé*”, como ele haveria de escrever mais tarde na *Coleção de diversos Pequenos Tratados*, permitiu-lhe ser fiel malgrado muitos graves contratemplos e frustrações. Dentre estes certamente se inclui a intensa aflição que lhe terá causado o abandono de muitos dos seus professores dos inícios. - Lembremos também a dramática inversão de papéis quando, para demonstrar aos seus Irmãos a importância de confiar na Divina Providência, com referências às Sagradas Escrituras, eles lhe fizeram ver a contradição entre sua garantida segurança na vida, e o conselho dos Evangelhos que ele apresentava a eles. – Acrescentemos ainda, como em sua experiência de administrador poderia usar a sua fortuna para dotar de fundos as escolas, foi rejeitada por *Barré*, que lhe recomendou, em vez disto, renunciar à sua fortuna pessoal e confiar na Divina Providência. O maior presente de *Barré* a Salle pode ter sido ajudá-lo a ver que a salvação das crianças e dos jovens não poderia originar-se na estrutura hierárquica da Igreja e da sociedade do seu tempo, mas na maneira como a missão de Cristo fosse realizada mediante essa nova comunidade leiga, que garantiria a continuidade das escolas cristãs.

Não surpreende que La Salle tenha dado o espírito de fé como o espírito específico e essencial àqueles que haveriam de viver nessa comunidade. Seu enfoque não foi uma abstração vaga, mas um conceito que envolve “visão e ajuizamento” dos acontecimentos à luz da fé e, inclusive com coragem, procurando vê-los como Deus os vê. Ele intuiu também que essa fé só seria autêntica na medida em que se expressasse através daquilo que denominou de “zelo ardente”. Acaso, não teria sido através de sua intimidade como confessor e guia dos seus primeiros seguidores, que os falecimentos prematuros dos Irmãos *Jean-François*, *Nicolas Bourlette*, *Jean Morice* e *Henri L’Heureux*, nos primeiros anos da comunidade incrementaram sua convicção da importância da fé e de sua expressão através do zelo, como fundamento para o trabalho das escolas, e robusteceram sua crescente percepção de que a missão das escolas cristãs era verdadeiramente “obra de Deus”? Um espírito de fé expressado através do zelo era essencial, mas é significativo que o êxito da obra de La Salle, como refere o Irmão *Michel Sauvage* em *Catéchèse et Laïcité*, era sua insistência de que o itinerário da fé não era para ser andado sozinho, mas que devia ser apoiado e mantido por uma comunidade, e através dela.

5. Membros de uma comunidade

Se aceitarmos que a primeira Assembléia em *Reims* se realizou efetivamente desde a Ascensão até a festa da Santíssima Trindade de 1686, será aqui que poderemos localizar alguns dos elementos essenciais que consolidaram a integração dos membros na comunidade com decisões sobre certos sinais externos de pertença como membro. Depois de solicitar a La Salle que assumisse o encargo das escolas de *Laon* e de *Guise*, *Nyel* regressou a *Rouen*, no verão de 1685. Por mais que o relato de *Blain* sobre essa assembléia ressalte a humildade de La Salle com per-

mitir que os participantes expressassem suas próprias opiniões sobre os temas em debate, os comentaristas modernos desses mesmos fatos enfatizam quanto foi importante para La Salle permitir a cada um falasse por si, tendo em vista que eram eles os que optariam por fazer a transição de um grupo *ad hoc*, para se converter num novo tipo de comunidade com sua missão específica.

A decisão de vestir um hábito privativo era um sinal visível de pertença como membro a uma comunidade. Mais importante e fundamental em todo esse processo foi a decisão de abandonar o nome de “mestres-escolas”, e adotar o nome de “Irmãos”, especialmente devido ao duplo sentido da definição deste termo, de se designarem como “irmãos uns dos outros” na comunidade, e como “irmãos de mais idade” para os meninos e os jovens confiados a seus cuidados.

La Salle autorizou a alguns dos membros da comunidade a fazerem o voto de obediência por três anos, renovável a cada ano. Mas, é importante ressaltar que esta era uma opção pessoal, e não um elemento constitutivo da comunidade. Pode bem ser que tanto o uso de um hábito distintivo como o nome adotado, tivessem surgido à mente de La Salle depois do aconselhamento que fora pedir a *Barré*, cujos “irmãos” nunca obtiveram êxito como as “irmãs” que ele fundara, possivelmente porque *Barré*, por ser pessoalmente um religioso Mínimo, nunca viveu em comunidade com seus confrades. Com certeza, esta “nova” comunidade de homens que não eram clérigos, nem formalmente “religiosos”, no sentido contemporâneo corrente, do ponto de visto clerical, logo fossem vistos com receio e reservas, especialmente quando se soube que La Salle, antigo cônego da catedral de *Reims*, se submetera à obediência do Irmão *Henri L’Heureux*, um superior leigo da comunidade!

Essa transformação de mestres-escolas, da situação de indivíduos para comunidade, não ocorreu de um momento para outro, mas poderia ser imaginada como a encruzilhada onde o caminho pessoal de La Salle se cruzou com as vias vacilantes dos antigos mestres-escolas. O que manteve os membros da comunidade unidos não foram vínculos tradicionais de uma comunidade religiosa – o hábito, os votos e uma regra de vida aprovada oficialmente...- mas, sim, a disponibilidade de um grupo de leigos para se associarem entre si, pôr tudo em comum e viver juntos de acordo com algumas normas que garantissem a continuidade das escolas gratuitas, estabelecidas para a educação cristã dos meninos pobres de *Reims* e arredores. O compromisso se expressou através do consentimento e da disponibilidade de todos os membros para prosseguir no trabalho iniciado. Se La Salle permitiu a alguns a emitir votos, foi para se harmonizar com a preferência e a devoção particulares deles. A missão comum seria levada adiante por todos, com ou sem votos.

6. O itinerário de *Reims* a Paris

O deslocamento físico de *Reims* a Paris, em 1688, foi outro marco na vida da comunidade. Primeiramente, porque La Salle, que havia conseguido satisfatoriamente a aprovação eclesial e civil e um futuro assegurado para as *Irmãs do Menino Jesus* de *Roland*, não estava disposto a aceitar um oferecimento de aprovação e tutela semelhante para sua comunidade, por parte do arcebispo de *Reims*. Na falta de um motivo claro para essa rejeição, podemos supor, ao menos, que La Salle se deu conta de que o pequeno grupo ainda não havia encontrado sua própria identidade ou estabilidade, como os acontecimentos em Paris logo haveriam de comprovar.

A *Memória sobre o Hábito*, foi outro passo importante na insistência desse senso de “comunidade”, assinalado pelos primeiros biógrafos, já deste 1681-1682, e mencionado pelo próprio La Salle no mesmo ano, em sua carta às autoridades de *Château-Poncien*. Os membros

podiam estar residindo em certo número de ‘casas’ separadas, mas se viam a si mesmos formando uma comunidade.

A importância do “voto heróico”, de 21 de novembro de 1691, se deve ao fato de ele ter tido um objetivo preciso, deliberado, não formulado tão explicitamente antes: a fundação da *sociedade*. O objetivo do voto heróico foi atingido, quando em 6 de junho de 1694, La Salle e doze Irmãos emitiram votos perpétuos de associação, obediência e estabilidade. A importância do voto de associação se deve ao fato de ele ter unido os membros, com os olhos voltados numa missão comum, a continuidade das escolas cristãs e gratuitas. Se a comunidade tinha a aparência exterior de uma comunidade “religiosa”, sua novidade se prenunciava em ser diferente, sob aspectos muito significativos. Em vez de ser similar às comunidades existentes, nas quais os votos de pobreza, castidade e obediência eram fundamentais para construir a base sobre a qual uma missão externa pudesse ser levado adiante, os membros desta nova comunidade se associaram prioritariamente para viver de acordo com a regra dessa comunidade, com o fim de manter as escolas cristãs e gratuitas. Alguns haveriam de confirmar essa opção por meio dos votos, mas outros haveriam de servir a comunidade sem se perceberem obrigados a emití-los.

7. A função social daquela primeira associação

Onze anos antes do “voto heróico” de 21 de novembro de 1691, La Salle já se mostrara disposto a “associar-se” intimamente com pessoas de um *status* social inferior ao seu. Seus biógrafos são unânimes em classificar como natural o gesto de La Salle convidar a *Adrien Nyel* e a seu jovem companheiro, para se hospedarem em sua própria casa, enquanto se faziam os entendimentos iniciais para o estabelecimento da primeira escola em *Reims*. Quando se abriu a escola na paróquia de *Saint Maurice*, em abril de 1679, *Nyel* e os primeiros professores se alojaram com o pároco. Esse arranjo se provou insatisfatório, e, no Natal de 1679, La Salle os alojou num espaço atrás da igreja de *Saint Symphorien*. Essa situação tampouco satisfez. Assim, em junho de 1681, La Salle os trouxe para dentro de sua própria casa, na Rua *Sainte Marguerite*. A oposição cerrada de sua família – a natural e a ampliada – demonstra até que ponto ele estava disposto a chegar, para garantir o bom êxito do estabelecimento das escolas; algo que chegara a intuir como inseparável da formação dos professores por meio de uma comunidade. Essa discrepância entre pessoas de dois níveis da sociedade amplamente separadas, não pôde ter sido imprevisível por La Salle, mas sua tentativa para conseguir que funcionasse seja, talvez, uma medida de sua crescente convicção da importância do caminho que estava disposto a percorrer para que essas escolas triunfassem.

A reação no ambiente familiar e no eclesiástico de *Reims* quanto à vida de La Salle como simples membro de uma comunidade leiga, com um superior leigo, bem prova a força do sistema social de então. *León Aroz*, no *Cahier Lasallien n° 52*, nos ajudou a conhecer o conflito familiar que culminou com o processo judicial movido por seu cunhado *Jean Maillefer*, esposo de *Marie de La Salle*, e que finalmente decidiu João Batista a mudar-se, juntamente com os professores, para a *Rue Neuve*, em 1682.

É provável que somente dando uma ampla olhada, a partir do primeiro encontro com *Adrien Nyel*, nos inícios de 1679, até a morte do fundador, em 1719, possamos aperceber-nos e avaliar a importância do longo caminho percorrido para sair de uma posição de patrocinado para outra de serviço, e o processo de chegar a ser instrumento escolhido por Deus e dar nascimento a uma comunidade leiga que lhe sobreviveria e continuaria a missão da educação cristã e gratuita que ele empreendeu. Mas, é importante que não ressaltemos o itinerário de La Salle a ponto de subestimarmos o caminho percorrido pela comunidade de que ele foi o fundador. Os homens que

aceitaram a liderança de La Salle e sua orientação, o fizeram sem o sólido fundamento teológico e a formação espiritual com que ele fora enriquecido, mas eram desejosos de assumir esse itinerário tendo-o como líder. Também eles foram conduzidos pela fé através de uma nova rota da Igreja.

O período crítico de 1707-1714

Após a perda da ação judicial interposta pelos mestres calígrafos, e, em 29 de agosto de 1704, a condenação formal nominal, não apenas de La Salle, mas também de uns 18 Irmãos, o Fundador, junto com os noviços, prosseguiram em seus itinerários em *Rouen*, enquanto que os Irmãos também condenados, que já não podiam ensinar em Paris, foram distribuídos entre *Chartres*, *Dijon* e *Rouen*. A superação aceitável das dificuldades em *Rouen*, gradualmente, trouxe consigo certa estabilidade para a comunidade. – Mas, a sentença desfavorável para La Salle no prolongado processo dos *Cléments*, que se estendeu de 1707 a 1712, eventualmente induziu La Salle a visitar as comunidades de seus Irmãos no Sul da França, para assim se eximir de acarretar maiores problemas à sua comunidade.

A história de La Salle durante os 30 meses de ausência de Paris nos é desvendada somente através de detalhes isolados. Se o objetivo em vista era simplesmente manter-se afastado de Paris para não causar maiores problemas à sua comunidade, parece que uma série de desapontamentos o induziu a convencer-se de que sua associação com os Irmãos, por si só, era a causa dos problemas surgidos para eles. Fossem quais fossem os confortos que tenha recebido em *Grenoble*, o que mais nos surpreende é a imagem do doutor em teologia indo em busca de aconselhamento junto a *Sóror Louise*, uma pastora analfabeta. A carta dos “principais Irmãos”, na Páscoa de 1714, marca uma nova etapa no itinerário da comunidade, por causa da transparência do apelo ao voto de associação de La Salle com eles, em 6 de junho de 1694, como a base sobre o qual a comunidade pôde preceituar seu regresso! Os autores da carta tinham assimilado realmente seus ensinamentos!

A importância das Regras Comuns de 1717-1718

A compreensão lúcida da importância da associação é também comprovada pela decisão de obter a aprovação para realizar um Capítulo Geral, em 1717, enviando o Irmão *Barthélemy* para visitar a maioria das comunidades, para colher a assinatura de todos os Irmãos como prova de estarem de acordo.

A comunidade dos Irmãos tinha cerca de 25 anos de experiência quando La Salle redigiu a primeira minuta das Regras Comuns, em 1705, ainda que os biógrafos façam referências a regras escritas em época anterior, no ano de 1694, e na *Memória sobre o Hábito* sejam citados os membros que viviam em conformidade com regras. Agora, pressentindo o final de sua vida, quando os Irmãos já estavam dispostos a eleger um dentre eles para seu sucessor, o Fundador deu os toques finais às *Regras Comuns*, com base na experiência vivenciada pela comunidade, desde os inícios. O mais significativo é que essa versão “final”, aprovada pelos delegados do Capítulo Geral em *Rouen*, foi também enviada a todas as comunidades pelo Irmão *Bathélemy*, para substituir a regra em vigor até então.

10. A fidelidade do Irmão *Agathon* ao itinerário

Os cem Irmãos de 1719 haviam chegado a quase 900 em 1789. Crescentemente, passada a primeira metade do século XVIII, os Irmãos entraram em conflito aberto com os “*filósofos das luzes*”. Desde 1725, o Instituto tinha sido aprovado oficialmente pela Igreja mediante a concessão da Bula de Aprovação. A aprovação oficial, tanto por parte da Igreja como do Estado, tinha ajudado à expansão do Instituto, que agora atuava como congregação religiosa, mas, segundo a teologia da vida religiosa daquele tempo, vivia uma ambigüidade: Um estilo de vida semi-monástico - a saber: a busca da perfeição por parte dos Irmãos em vista de sua própria salvação, e a exigência, por vezes aparentemente oposta, a exigência de que os meninos estivessem “da manhã à tarde sob a direção de seus professores”.

É mais fácil que o historiador veja melhor que o Irmão *Agathon* e seu Conselho, que os Irmãos estavam em perigo de romper o vínculo essencial entre sua consagração, sua comunidade e sua missão. Todavia, a liderança do Irmão *Agathon* com seus escritos desde 1777 a 1792, testemunha sua fidelidade à visão fundacional, ao lutar pela manutenção dos princípios fundamentais da gratuidade, pela “principal função” do Irmão como catequista, pela elaboração da explicação das *Doze Virtude de um Bom Professor*, lista proposta por La Salle, pela atualização às novas necessidades do *Guia das Escolas Cristãs*, e sua inspirada defesa contra a supressão do Instituto pela Assembléia Nacional. Inclusive, mesmo que o Instituto tenha deixado de existir formalmente a partir de 1792 na terra de sua fundação, o fato de já em 1803, haver uma comunidade estabelecida em *Lyon*, seguido em breve pela nomeação do Irmão *Frumence* como Vigário Geral em 1805, representa, por si mesmo, um tributo a seus sólidos fundamentos. E, ainda que obstaculizado de múltiplas maneiras pelo controle de seu estatuto por parte da universidade ao longo do século XIX, o Instituto deu provas de grande criatividade, e chegou a ser missionário de uma forma tal, como seu fundador jamais teria podido adivinhar.

11. Fidelidade na crise de 1904

No final do século XIX, o crescimento do Instituto fora da França ficara particularmente problematizado. Um dos problemas consistia no fato de o carisma fundacional ter sido institucionalizado em demasia, através de formas centralizadas de governo, o que induzia a uma tendência pela uniformidade, como se isto fosse um valor em si mesmo, e à incapacitação legal de reconhecer a grande diferença de circunstâncias culturais nos lugares onde os Irmãos estavam atuando. Isto acontecia especialmente com referência aos problemas que se apresentavam na manutenção do princípio da gratuidade, quando os Irmãos tiveram que administrar pensionatos para poderem manter uma certa garantia econômica. Responder desta maneira parecia questionar a identidade dos Irmãos, quanto à sua missão educativa dos “filhos dos artesãos e dos pobres”. Essa insistência na uniformidade e numa fidelidade literal à Regra (especialmente na rígida interpretação da proibição de lecionar latim), ameaçava o desenvolvimento de novas formas de resposta no serviço às necessidades dos pobres. A modificação das circunstâncias tornava também necessário o melhoramento da formação dos próprios Irmãos.

As leis de secularização na França de 1904, foram um dilema para os Irmãos franceses daquela época: Seria possível ser fiel à visão fundacional, se o Irmão já não podia continuar a viver no Instituto com a tradicional “separação do mundo”, um nome religioso e um hábito, o apoio de uma vida comunitária e todos os outros aspectos que sempre estiveram presentes, - ou seria melhor exilar-se e manter a vida própria do Instituto num país estrangeiro? – Do nosso ponto de vista hoje, um século depois, é possível ver que uns e outros foram fiéis, tanto os Irmãos que optaram pela “secularização” como aqueles que optaram pelo exílio, pois, por um lado, as

leis injustas se converteram em instrumento providencial para uma maior expressão internacional do Instituto, já lançado rumo a uma expansão missionária na segunda metade do século XIX, e por outro, os Irmãos “secularizados” mantiveram sua presença de forma criativa e assumiram amplamente a responsabilidade de preservar o que pudessem, até que as leis injustas fossem revogadas.

12. O significado de “refundação”

Existe uma profunda convicção de que toda abertura ou fundação de uma nova obra educativa lassalista, desde a primeira escola em *Saint Maurice*, em 1679, venha a ser uma refundação, porque os mesmos princípios subjacentes no legado lassaliano devem concentrar a atenção em sua criação. Dentre esses princípios devem ser relacionados os seguintes quatro:

- A fundação seja uma resposta no espírito do Evangelho às *necessidades* particulares dos que ali desfrutarão dos serviços prestados.
- Os responsáveis pelo trabalho se *associem* naquilo que perceberem ser um empreendimento comum, e sejam preparados para trabalhar juntos para levar a bom termo o compromisso a ser assumido.
- A base de relacionamentos, entre aqueles que servem e os servidos, seja a de todos serem *irmãos e irmãs* uns dos outros, e *irmãos e irmãs de mais idade* para com aqueles a quem servem.
- Um profundo sentido de *gratuidade*, material e espiritual, caracterize as políticas da fundação.

Se estes princípios são considerados indispensáveis para a própria fundação ou obra, não é menos importante que avaliações periódicas garantam que sejam mantidos e praticados, especialmente se a fundação original tiver que adaptar-se a mudanças, devido a circunstâncias vindas de fora. Se uma avaliação assim demonstrasse que alguns ou todos os princípios originais já não são operativos, a fidelidade ao legado lassaliano obrigaria a tentar repor em prática os mesmos princípios fundacionais na nova situação.

Do ponto de vista histórico, cada Província tem tido a responsabilidade local para garantir o caráter lassaliano de suas fundações e obras, enquanto que os Capítulos Gerais do Instituto, têm realizado avaliações periódicas das políticas seguidas do ponto de vista internacional. O reconhecimento por parte dos Capítulos Gerais de 1976, 1986 e 1993 de que a missão é agora “partilhada” com leigos – que já são a maioria – provocou uma certa urgência para as proposições do Capítulo Geral de 2000, que pede a participação mais ampla de leigos representativos na elaboração das linhas diretrizes concernentes à missão lassalista. Seja qual for a maneira pela qual isto seja posto em prática, a fidelidade ao patrimônio lassaliano exige que todas as pessoas convocadas para ajudar a organizar e executar essas decisões, necessitam de formação no conhecimento dos princípios fundacionais, e preparação dos que devem dar-lhes apoio e acompanhamento.

Subsídios para prosseguir, e partilhar a reflexão

- ✓ De que maneira se entrecruzou o itinerário pessoal de cada um de vocês com o das suas comunidades?
- ✓ O quê chama mais a atenção de vocês nesta panorâmica do itinerário da comunidade lassaliana? - Na opinião de vocês, quais são os "valores" importantes que permitiram que a comunidade lassaliana crescesse, sobrevivesse e permanecesse importante em tantas partes do mundo de hoje?
- ✓ Vocês podem reconhecer e definir os quatro princípios de "refundação" aplicáveis à obra (missão) em que vocês atuam? - Em caso afirmativo, indiquem como. - Se não, o que julgam deverá ser feito.

2. A MUDANÇA DE ÉPOCA E SEUS SINAIS

Irmão Robert Comte, fsc

Por que propor uma reflexão sobre as atuais mudanças? – Porque a atenção aos sinais dos tempos é constitutiva de nossa tradição. Porque seria irrealista evocar o carisma lassalista (herdado de La Salle) de maneira intemporal. Foi por estarem atentos aos sinais dos tempos que os autores da Declaração *O Irmão das Escolas Cristãs no Mundo de Hoje*, no final do Concílio Vaticano II, e por ocasião do Capítulo Geral de 1966-1967, souberam propor ao Instituto uma mensagem tão vivificante. Será por nos fazermos atentos aos sinais deste nosso tempo que teremos alguma chance de encontrar novos caminhos de encarnação do carisma lassalista.

Seria uma temeridade pretender evocar em algumas páginas as grandes tendências da recente evolução de nossas sociedades: os processos são muito complexos e todos somos demasiadamente envolvidos nos acontecimentos, quando queremos discernir toda a sua amplitude. Ademais, quando falamos disso, nos situamos inevitavelmente (um ocidental não dirá a mesma coisa que um africano ou um asiático). Por exemplo, os debates ocidentais sobre a modernidade (ou a pós-modernidade) não são necessariamente pertinentes a outros lugares. Enfim, não se trata de sermos exaustivos, mas simplesmente que situemos nossas próprias questões numa determinada perspectiva.

1. A mundialização ou a emergência da era planetária

Este é, com certeza, o fenômeno máximo que desde há alguns decênios tem emergido. Pode-se defini-lo como o intercâmbio generalizado ou reciprocidade de relacionamentos entre as diversas partes do planeta, e isto de variadas maneiras: o *boom* do comércio mundial, a globalização financeira, a opulência das multinacionais, o direito internacional, a mestiçagem ou fusão cultural, a mundialização da informação e das redes de comunicação.

A mundialização influencia também as religiões. Pelo fato de favorecer a circulação das pessoas e das informações, nossa época relativiza as religiões (ainda mais quando estão mais em contato umas com as outras) e reinterpreta a maneira como vivenciá-las: ecumenismo, pluralismo religioso, mas também sincretismos e reações fundamentalistas. E não esqueçamos a internacionalização de festivais religiosos de massas de jovens (Taizé, JMJ).

Esse fenômeno não é totalmente novo. Se ele se acelerou subitamente por causa da explosão e da prodigalização das transferências de capitais, houve antecedentes para isto, tais como, as grandes descobertas do século XVI, a colonização, a revolução industrial e a dos transportes no século XIX e no início do século XX... Por isso, aquilo que nós presenciamos, não é o surgimento de um processo, mas antes a sua aceleração.

Resultado: tudo se concatena de mais em mais numa escala mundial; os modos de vida, bem como as normas econômicas, se vão tornando cada vez mais homogêneos. Nos dias de hoje, uma crise política ou econômica local pode ter uma ampla repercussão em todo o mundo. Isto não significa que os relacionamentos entre os diferentes países do mundo sejam mais harmoniosos ou igualitários; longe disso. Todavia, mais do que nunca, estamos vivendo num mundo interdependente.

2. As mestiçagens ou fusões culturais

Para nos referirmos a essas questões nos servimos do termo *multiculturalismo*, mas este termo engloba duas coisas. Primeiramente, alude a um fato: as sociedades de mais em mais se vão constituindo de grupos culturais heterogêneos (em todo o mundo, não existe um 10% de países culturalmente homogêneos). Designa também uma política (variável, segundo os países) visando a garantir a melhor coexistência desses grupos: não irei tratar desta questão.

A mestiçagem das culturas é um fato maciço, tanto no interior dos países como entre eles. Este fenômeno vai adquirindo importância com a mundialização das correntes migratórias. Atualmente, já nenhuma cultura é “quimicamente pura” (se, casualmente já o tivesse sido alguma vez); as culturas se entrosam umas nas outras à maneira de um mosaico. Podemos acrescentar que nossas sociedades contemporâneas apresentam simultaneamente todas as concepções do mundo que emergiram ao longo da história, como se dispusessem de uma memória recapitulativa. Dito de outra maneira, as pessoas se referem a conceituações do mundo que estão longe de serem homogêneas e contemporâneas.

Ademais dessa mestiçagem de culturas e vinculado a ela, assistimos também a um incremento de reivindicações identitárias, em numerosas sociedades: as minorias tentam afirmar suas especificidades na vida pública, e exigem seu reconhecimento. Essa corrente cultural e política situa-se numa evolução histórica em que podemos distinguir três etapas: as sociedades *tradicionais* valorizam o princípio hierárquico (cada um faz parte de um todo e ocupa um lugar determinado na sociedade); as sociedades *modernas* valorizam a igualdade democrática (cada pessoa é um cidadão que goza dos mesmos direitos que todos os outros); as sociedades de modernidade *tardia*, ou *recente*, que estão à procura de uma expressão do princípio da igualdade fundada sobre o reconhecimento das diferenças. Essa procura de reconhecimento não é tratada da mesma maneira de país em país, mas é encontrável em numerosas sociedades, como parte do cenário político e cultural. Ela aparece como a razão básica do reconhecimento da identidade de certos grupos religiosos.

3. Sociedades impossibilitadas de resolver certos problemas

Existem numerosos países nos quais as estruturas estabelecidas impedem a solução dos problemas que têm de enfrentar. O fenômeno de um mundo único não é estranho ao problema, porque a solução de muitas questões ultrapassa a extensão demasiadamente reduzida de cada país. Mas outras razões podem explicar as dificuldades encontradas.

Exemplificando, poderíamos formular a seguinte hipótese: Durante um certo período, que poderia ter durado vários séculos, um país pôde ter-se encontrado na situação de ter que enfrentar exatamente os mesmos problemas que encontra hoje pela ação complementar de sua *administração e da organização de seu mercado* (a circulação dos bens econômicos). Mas que, em consequência de mudanças históricas, esse equilíbrio provisório fosse rompido de tal maneira que as duas instâncias atuais sejam incapazes de arrostar de maneira satisfatória os novos problemas. Surgem, então, novas iniciativas que dão lugar ao estabelecimento de estruturas mais flexíveis e, conseqüentemente, mais capazes de responder à situação: é o que se poderia denominar de “setor terciário”. – Acaso, não poderíamos entender desta maneira a fundação do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs? - No mundo contemporâneo também poderíamos situar ali as Organizações Não Governamentais (ONGS), seguindo a mesma lógica. Precisamente, sua multiplicação, não seria ela o sinal de que as estruturas tradicionais não respondem mais à situação?

Se prosseguirmos com essa hipótese tudo isto pode significar que o Instituto deverá reavaliar periodicamente a pertinência de suas instituições em função dessas grandes evoluções. Nascido numa lógica de “setor terciário”, ele se inscreveu como consequência nas redes administrativas da educação dos países em que foi implantado (às vezes, os Irmãos foram transformados em funcionários). Não deveria ele reencontrar periodicamente o dinamismo de seu surgimento (o quê, em outra linguagem se poderia denominar seu caráter profético?). Não seria, acaso, preciso que se interrogasse sobre o perigo de se “funcionarizar” quando se trabalha num sistema escolar da responsabilidade do Estado?

4. Adultos em busca de identidade

As considerações precedentes todas concerniram a fenômenos coletivos. O esforço pela obtenção da identidade tem uma dimensão social, mas ela atinge diretamente a maneira como as pessoas se constroem. Com referência a este tópico devemos prestar atenção particularmente a dois aspectos:

a) O indivíduo incerto

Nesta alusão, é preciso primeiramente mencionar o sempre crescente processo de individuação, cuja origem é normalmente datada nos inícios da época moderna. Em que consiste? –Na progressiva emergência de um “*eu sem nós*”. Se bem que nas sociedades tradicionais, cada ser humano seja percebido, em primeiro lugar, como parte de um grupo social, o indivíduo moderno é visto, antes de tudo, como um ser sozinho, isolado. Aquilo que antes constituía o apanágio de certas elites foi-se difundindo pouco a pouco em outras camadas das sociedades ocidentais, e essa vívida consciência da individualidade se tornou uma segunda natureza para muitos. Eles só se dão conta da singularidade quando encontram culturas que ainda estejam impregnadas de uma visão holista da sociedade.¹

Esta tendência para a individuação só se foi incrementando com o passar do tempo. Mas, o preço que deverá ser pago é uma maior precariedade psicológica, uma vez que as “capas” que protegiam o indivíduo tradicional foram desaparecendo gradativamente. Isto explica certas fragilidades que podemos observar de mais em mais, e que se revelam de variadas maneiras. Este é o motivo por que muitos de nossos contemporâneos se sentem psicologicamente isolados como indivíduos. Uma vez que os sistemas globalizantes, ideologias e religiões se tornam mais debilitados, cada indivíduo tem que fazer frente sozinho às grandes questões da vida, visto que sozinho se acha mais e mais responsável por si mesmo. Isto explica certas formas de comportamento que mostram que essa responsabilidade é difícil de arrostar (uso de soníferos, tranquilizantes ou antidepressivos, recurso a drogas, busca de vinculações vigorosas com certas seitas...), são tantas maneiras de expressar a angústia quantas se encontram em existir por si só.

b) Identidades abertas

A questão da identidade foi tema de inúmeras publicações, indício de uma crise neste domínio. Essa crise concerne tanto à família como ao mundo do trabalho ou às grandes instituições sociais: tudo aquilo que estruturava a identidade pessoal encontra-se agora totalmente virado de cabeça para baixo.

¹ É preciso não confundir movimento de individuação (processo sócio-histórico) e individualismo (comportamento que depende de um juízo moral)

Com efeito, a identidade não se amolda num diálogo íntimo consigo mesmo, mas ela se tece num conjunto de relacionamentos sociais, sejam eles diretos (como na família, ou nos relacionamentos com a vizinhança) ou indiretas (como na escola, ou no exercício de uma profissão). E, ainda mais, todos sabemos quanto as diversas funções sociais contribuem na construção da identidade das pessoas (sejam as funções familiares, as profissionais ou as sociais). Caso esses elementos se tornarem instáveis, as identidades sofrerão as conseqüências.

c) Algumas implicações

Neste contexto, as questões concernentes à identidade podem tornar-se bastante radicais. Eu vou assinalar duas: Pode-se ainda falar de continuidade e de coerência das histórias pessoais, ou estão elas totalmente disseminadas? – Existe ainda um núcleo da personalidade, ou não passa ela de mera ilusão? Dito de outra forma, pode a vida de cada um visar a uma certa unidade, ou está ela de todo fracionada?

Em primeiro lugar, atualmente já é difícil entender a identidade pessoal como uma realidade estática. O aumento da expectativa de vida, a mobilidade de numerosas existências, as múltiplas e incessantes mudanças sociais, todos estes fatores acarretam numerosas transformações ao longo de uma história pessoal. A partir de agora a identidade é uma realidade em devir que se transforma no tempo: ela se transforma ao longo de toda a duração da vida. Isto apresenta sob uma nova forma a questão da fidelidade. Esta se torna difícil quando a intensidade do momento é mais importante que a duração. A fidelidade parece um ideal inacessível, até mesmo inimaginável quando o horizonte é limitado por nossos interesses imediatos. Em todos os casos, não pode mais ser entendida como a manutenção rígida de posições adotadas de uma vez por todas quando tudo em derredor se modifica. Temos que aprender a manter o rumo, mercê do nosso giroscópio interior ((*Reisman*), e manter nosso equilíbrio entre os objetivos que nos traçamos e os solavancos da vida. Mas, fixar-se num objetivo é problemático quando se deseja permanecer aberto às diversas possibilidades antes de decidir-se por uma única rota.

Em segundo lugar, reduzir a existência a uma seqüência descontinuada de acontecimentos impossíveis de concatenar entre si, seria um absurdo psicológico. Se este fosse o caso, não teríamos sequer a consciência dessa descontinuidade. Ademais, não é assim que vivemos: recebemos um nome que nos designa sempre do mesmo modo; diferentes corpos administrativos nos alocam em categorias estáveis e somos juridicamente responsáveis por nossos atos. Dito de outro modo, a sociedade espera que tenhamos uma identidade estável, ou, de qualquer maneira, acessível. Mas é verdade que todos os elementos de nossa identidade não têm a mesma nidação: isto vai desde o mais consistente, com nossas caracterizações administrativas, até o mais plástico, quando se atingem as dimensões mais íntimas, passando pela solidez relativa da identidade profissional e o caráter bastante flexível de nossas identidades culturais.

Em terceiro lugar, a identidade é cada vez mais o fruto de um trabalho sobre si mesmo; ela se transformou num projeto reflexivo, como bem provam a grande quantidade de livros de psicologia pessoal, e as ofertas de tratamento terapêutico oferecidas para melhorar o cuidado de si próprio. Para algumas pessoas, esse trabalho sobre si mesmo é árduo, porque os elementos que se devem ter em conta na construção da trama narrativa são complexos e heterogêneos (pensemos em certas histórias familiares complicadas, ou nas perplexidades de identidade de numerosos imigrantes). Seja como for, e mais globalmente, é responsabilidade de cada um dar forma à sua identidade, porque os grandes conjuntos sociais vivem um processo de reconstrução. Assim, pois, cada um deve construir sua própria identidade porque isto já não é transmitido como em outros tempos.

Finalmente, nossa identidade é de mais em mais o resultado de nossos esforços pessoais. Nós a expressamos com as palavras do nosso idioma. Nós nos identificamos com modelos familiares, profissionais, religiosos...tomados em nosso universo. Tanto nossas certezas como nossas perplexidades quanto à nossa identidade provêm do mundo em que estamos vivendo. A estas observações globais, temos que somar que nossa identidade está igualmente marcada pela coexistência de culturas (cf. as observações precedentes a propósito das mestiçagens de culturas); isto significa que nossa identidade é forjada na base de empréstimos de uma variedade de origens.

5. Uma intensa busca espiritual

Enquanto que muitos sociólogos estão propalando que nos encaminhamos para sociedades cada vez mais secularizadas, notam-se correntes de muita vitalidade que indicam uma busca de espiritualidade. Essas correntes assumem variadas formas, desde a exuberância pentecostal, várias formas do sincretismo afro-americano, todas essas buscas agrupadas sob a denominação da *New Age*, o islamismo fundamentalista, ou o renovado interesse pelas religiões tradicionais, especialmente o xamanismo. O espiritual, amiúde desligado das correntes religiosas, tem o vento soprando em seu favor.

Essas correntes, sempre menos confinadas em determinadas áreas geográficas, estão transcorrendo todos os continentes. Ainda que de qualidades variadas, elas são algumas vezes o sinal do grande desassossego, e manifestam a busca de pontos de referência e de orientação. Elas surpreendem as estratégias de evangelização das Igrejas, mas podem seduzir um considerável número dos próprios fiéis.

6. Novos dinamismos eclesiais

Seria presunçoso cogitar invocar as importantes características da evolução que está acontecendo na Igreja católica, com características mais ou menos próprias em cada continente (a época de um catolicismo monolítico terminou), sem esquecer que a presença de cristãos no hemisfério sul se está reequilibrando.

Dentre todos os aspectos das evoluções atuais, devido simplesmente às suas implicações neste estudo, insistirei na redescoberta feita pelo Concílio Vaticano II – e descrita na Constituição *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja – da condição comum de todos os cristãos, e isto em duas direções: Por um lado, o Concílio declara que a pertença ao Povo de Deus é mais fundamental que a distinção de funções (por este motivo, o capítulo sobre o Povo de Deus precede e envolve os capítulos que se referem à hierarquia e aos leigos). Por outro lado, reafirma que a vocação para a santidade não é reservada a alguns especialistas (por este motivo o capítulo sobre a vocação universal à santidade precede o capítulo referente aos religiosos). Seguindo esta idéia tornou-se possível falar de uma Igreja-comunhão, mesmo que esta locução não tenha sido usada como tal pelo Concílio.

Esta dupla redescoberta tem tido importantes conseqüências para a Igreja nestes últimos quarenta anos. Ela modificou profundamente a vida das comunidades cristãs, criando uma sinergia de carismas. Sem isto, para os Irmãos, não teria sido possível que se situassem na sociedade e na Igreja, como estão fazendo; nem poderiam os leigos aspirar a partilhar nosso carisma e nossa espiritualidade, como, de uma maneira ou de outra, vemos que está ocorrendo.

7. Que sinais surgem agora para a Família Lassalista?

Após ter mencionado algumas das maiores mudanças de nossa época (poderia ter mencionado mais algumas), quais sinais, dentre outros, surgem agora para a família lassalista?

a) Seu caráter internacional

Com referência ao movimento de mundialização, um mundo único, o Instituto poderia questionar-se sobre como tem sabido tirar proveito suficiente de seu caráter internacional. Sem dúvida, seus membros poderiam aprender a tirar grande benefício da maneira como suas Províncias responderam aos desafios do mundo atual no âmbito da missão. No que se refere à associação com os leigos, o Instituto ainda se encontra numa fase experimental. Uma permuta de experiências – direta ou indiretamente – pode tornar-se muito estimulante: aquilo que tempos atrás parecia inimaginável acá, se foi concretizando acolá; aquilo que já tem sido vivenciado em tal setor do Instituto pode instruir sobre projetos de novos rumos para o futuro, ou então, acautelar sobre o surgimento de dificuldades, ou mesmo de becos sem saída.

Além de tudo isto, caso o Instituto tire maior proveito de sua experiência internacional para analisar a relevância de suas instituições, isto possivelmente lhe proporcionará mais audácia para imaginar novas possibilidades (cf. comentários sobre o setor terciário).

b) A inculturação

Em nossa maneira de vivenciar o carisma lassalista, como estamos nós tomando em consideração as variadas culturas nas regiões em que o Instituto está presente? Esta pergunta nos pode ser dirigida com referência a nosso estilo de vida, nossa maneira de vivenciar a missão lassalista, ou interpretar o legado lassaliano. Com certeza, trata-se de uma questão delicada (como o prova a prudência da Igreja nesta área), mas pode ser vital se não tratarmos apenas de exportar a cultura ocidental para o conjunto do mundo. Temos que acrescentar que o interesse manifestado por crentes de outras religiões em certos aspectos de nossa espiritualidade educativa lassalista, amplia consideravelmente a maneira de formular certas questões. Isto, inclusive, modifica o modo de compreender a configuração de nossa identidade lassalista. Isto certamente tem consequências sobre a maneira de vivenciar novas formas de associação que podem ser diferentes, dependendo das regiões da terra.

Uma outra maneira de nos referirmos à inculturação é de nos interrogarmos sobre como os leigos podem dar uma nova formulação ao carisma lassalista a partir de sua própria situação, não esquecendo o lugar que as mulheres hoje ocupam na família lassalista, o que poderia implicar numa assimilação muito diferente de um carisma, vivenciado até há poucos decênios passados, exclusivamente por homens celibatários. Dito de outra maneira, após uma etapa indispensável de inserção de leigos na tradição lassalista, deve iniciar uma etapa em que eles sejam os agentes de uma nova expressão desse legado tradicional. Eles, pois, não devem ser restringidos numa situação de simples repetidores. Isto vem a ser tanto mais importante devido ao fato de a espiritualidade lassaliana, em grande porção, estar centrada na maneira de vivenciar o ministério da educação, e, sob esta perspectiva, poder ser considerado como uma espiritualidade leiga. O alcance eclesial destas considerações não é de pouca monta.

c) A função do acompanhamento

Se tomarmos em conta o caráter evolutivo e, às vezes, frágil, da construção das identidades, não deveremos, acaso, atribuir uma função mais importante ao acompanhamento das pessoas (e não apenas dos grupos)? Esta mesma observação poderá ser feita se tomarmos em consideração os itinerários espirituais por vezes sinuosos e intranqüilos das pessoas (cf. observações sobre a busca de espiritualidade de nossos contemporâneos).

Não é somente o tomar em conta esta situação que nos orienta para uma ação de acompanhamento, mas também a responsabilidade dos Irmãos para com seus colaboradores. O 42º Capítulo Geral não diz apenas que os colegas leigos se tornam reais cooperadores, mas fala também do “*incremento da cooperação em que os Irmãos se comprometem*” (A Missão Partilhada, 1.3). A colaboração é um compromisso recíproco em que os Irmãos estão envolvidos.

A identidade lassalista tem uma indiscutível dimensão comunitária, mas tampouco devemos desestimar a dimensão pessoal. No âmbito do acompanhamento, não temos uma tradição muito assentada, em especial com os adultos. A formação que habitualmente nos propomos é totalmente indispensável, mas não pode desempenhar todas as funções. Porventura, não seria o caso de examinar o que poderia representar um acompanhamento pessoal no espírito de nossa tradição, e preparar-nos para pô-lo em prática?

d) Um novo sentido de pertença ou de prerrogativa para a idéia de associação

A associação é uma realidade central do legado lassaliano. Ela pode encontrar uma pertinência renovada no atual contexto, em que se hesita entre uma retirada estratégica individualista e um retraimento identitário. Pode ser também uma resposta ao desejo de pertença que se manifesta atualmente em numerosas pessoas. Por acaso, não seria interessante manifestar a pertença da associação, mostrando especialmente como esta representa o fruto de uma construção comum?: viver a associação situa a cada um como agente e como cooperador; a identidade lassalista é o fruto de uma caminhada ou de um processo comunitário rumo a um projeto. Isto pode vir a ser a origem de um movimento interno responsável pelo estímulo e pela evolução de todos.

Para Prosseguir na reflexão e a partilha em grupos

1. Em que medida, a descrição da evolução do nosso mundo se ajusta às realidades atuais de nossa Região e do nosso país? - Em quais pontos deveremos insistir mais especialmente para termos em conta aquilo que marca nossa própria cultura?
2. Quais elementos estariam faltando, considerando a realidade de nossa situação?
3. Retomando os diferentes pontos isoladamente (aqueles que estão presentes no texto, e outros que poderíamos acrescentar), quais seriam as implicações naquilo que se refere à associação? - Em particular, o quê sugere essa conexão entre a busca de identidade de nossos contemporâneos, sua busca de espiritualidade e a idéia de associação? - Sobre o quê isto nos deve levar a estarmos atentos?

3 – O DESAFIO DA MISSÃO: REINVENTAR A COMUNIDADE EDUCATIVA

Irmão Pedro Gil. fsc

Quando refletimos sobre a missão, nos defrontamos com uma tarefa especialmente delicada. Isto é devido ao momento histórico em que nos encontramos.

A preocupação pela missão não é devida ao fato de sermos poucos ou muitos, de obras novas ou já conhecidas, em um país ou em muitos países. O desafio da missão não é de ordem técnica, material. Ele tem um alcance muito maior. Não se refere a nosso trabalho em si mesmo, mas a seu sentido. Nosso problema não se traduz em como trabalhar, mas naquilo em que consiste nosso trabalho.

Por isso, responder a esse desafio exige que busquemos as raízes da nossa identidade.

E é maravilhoso que descobramos que a renovação da missão como que nos leva pela mão ao tema da Associação.

1. O projeto lassalista e a mudança de época

Podemos descortinar vários desafios no mundo da educação.

O primeiro de todos se relaciona com **os pobres**. Com efeito, os pobres não têm acesso aos mesmos recursos educativos que os remediados e os ricos. Hoje como sempre, é certo; mas o problema se agudizou com as dinâmicas da globalização, que estão aumentando a distância entre os ricos e os marginalizados. Além disto – e é o mais importante – os pobres são vítimas de um modelo educativo e cultural normalmente concebido para a exploração do mundo e dos povos.

Está também ali o desafio da **desintegração do Estado**. Igualmente devido à globalização, todos os povos do mundo vêm como vão desaparecendo, esgotadas, as formas conhecidas como assistência social. As forças da globalização precisam estar livres de quaisquer peias diante de seus interesses, para assim sempre poderem dismantelar todas as conhecidas formas de administração local.

A globalização, hipoteticamente, também admite a mudança de todas as **formas culturais**. Com a incrementação da reciprocidade de relações têm aparecido novos critérios de valor, novos cânones estéticos, e formas próprias de pensar. Ao mesmo tempo, os relacionamentos humanos se têm marcado pelos novos meios de comunicação, que assim passaram a ser condição da nova cultura, e não apenas instrumento como eram. Tudo isto faz presumir um desconcerto generalizado que está causando grande dificuldade para que as novas formas sociais descortinem a função da religião nos novos modelos de vida.

Finalmente, **o próprio legado lassaliano**, ao ver-se submetido a uma semelhante reviravolta histórica, se converte num desafio. Nas novas condições do mundo, não é fácil assumir a herança que recebemos, de modo que ela corre o risco de ser mal compreendida ou simplesmente esquecida, à medida que nós nos formos distanciando do mundo em que ela teve sua origem.

O quê nos diz tudo isto? O quê significa?

No nascedouro de todos os desafios

Com certeza, muito mais poderíamos dizer, porém, esses quatro aspectos são suficientes para rememorar o desafio a que somos incitados, como lassalistas, por aquilo a que sempre nos dedicamos, e que denominamos de “nossa missão”.

Mesmo sem acrescentar nada, esses quatro aspectos são suficientes para mostrar como o mundo de nossa missão, para nós, encerra muito mais que novas dificuldades. Quando falamos de “desafio”, estamos significando que sob essas dificuldades existe um sinal, um gesto do Senhor que nos acena e nos incentiva.

À sombra do “desafio da missão” existe muito mais que um convite à criatividade. Seu conjunto faz com que nos sintamos inseguros, como se diante de nossos olhos se desmoronasse todo nosso atual conhecimento, e emergisse um modelo desconhecido. Por isso dizemos que o desafio da missão é muito mais que um apelo à generosidade.

Na realidade, aquilo que descobrimos no mundo da educação é um reflexo do grande sinal dos nossos dias: **a crise de todos os padrões de relacionamentos**, a emergência de necessidades e formas novas para a convivência. Assim como nos grandes momentos da história, hoje os povos estão em busca de uma garantia para aquilo que está surgindo, algo que assegure seu caráter humano e dê sentido à rota da globalização.

É a partir desses projetos educacionais, naquilo que está sendo preparado, que mora uma esperança para a humanidade...

2. Nosso projeto ideal

Em face dos variados desafios que é preciso arrostar hoje em dia, a Comunidade das Escolas Cristãs se volta para dentro de si mesma, em busca de uma referência sólida daquilo que intui dever ser. Percebe-se dentro de um mundo novo e perscruta seu interior, questionando sua identidade, ou o sentido de sua presença entre as instituições das novas sociedades. É isto o que temos visto na seqüência dos eventos e instruções para a execução das proposições dos Capítulos Gerais, desde 1946.

Nos últimos cinquenta anos, obedecendo a uma imperiosa necessidade de compreender a si mesma, nossa instituição tem estudado, como nunca antes, suas origens e sua história. Poder-se-ia dizer que sua preocupação se esteve antecipando àquilo que haveria de acontecer e era o melhor sintoma de que os tempos estavam mudando. Desse esforço, dentre outros, foi-se evidenciando que o **conteúdo essencial da primeira fundação foi a Comunidade das Escolas Cristãs**. Nenhuma outra coisa.

Ao longo deste tempo temos visto gradualmente como nosso ideal, ou nosso grande objetivo era precisamente apresentar-nos a nossos povos como um projeto comum, o de uma “escola” vivida em conjunto, na partilha de um estilo e de uma oferta.

Mesmo que, por vezes, esqueçamos, vivendo como vivemos em meio a tarefas urgentes e diversificadas, sabemos que nos dias da fundação a preocupação não era tanto estabelecer escolas cristãs, mas sim comunidades que as animassem. Sabemos isto porque, caso contrário, não teria havido sentido em estabelecer um corpo de educadores como aquele que foi estabelecido.

Por isso, sabemos também que o valor herdado, aquele que manteve nossa instituição ao longo de três séculos de modernidade, tem sido nossa comunidade educativa. Assim, pois, nossa herança é partilhar um mesmo projeto de vida ao serviço educativo, preferentemente a pobres.

Nossa herança, isto é, nossa identidade e nosso valor social, consistem em ofertar a nosso povo um claro Sinal da Esperança, mediante nossos projetos educativos, a cujo serviço vivemos como um grupo de pessoas. Nossa comunidade sempre tem sido a garantia de nosso trabalho: assegurou a estabilidade e o sentido dele.

Nossa herança consiste na capacidade de vivermos juntos um mesmo projeto, de tal maneira que seja uma única e mesma fidelidade que nos liga aos destinatários de nosso trabalho profissional e nossa fidelidade àqueles com quem o vivenciamos.

Um condão específico ante os novos tempos

Desta maneira, ante os desafios lançados contra a educação num mundo em mudanças, nós contamos com o valor ou a capacidade de satisfazer necessidades da Escola vivida como Comunidade. Hoje, está bem claro que “escola” já não significa o que significava, por exemplo, na França de 1850. Em troca, seja qual for a configuração do projeto educativo dos novos tempos, sua configuração como comunidade continua significando o mesmo. É esta a nossa serventia ante os novos desafios de nossa missão.

Contudo, ao longo destes últimos cinquenta anos, as dinâmicas da globalização e a crise das instituições sociais nos causaram uma certa perda de visão e o esquecimento de tudo isto. No decurso desse tempo, incrementamos sobretudo nossa habilidade organizativa, e nossos projetos se tornaram complexos como nunca antes. Além disto, devido ao decréscimo do número de Irmãos, os novos agentes dos projetos lassalistas eram solicitados mais em termos de seu trabalho do que de suas pessoas. Como resultado disto, a dimensão “comunidade”, nossa herança, sofreu um certo desequilíbrio.

Paralelamente a tudo isto, todavia, em toda parte, temos assistido ao crescendo do clamor por algo mais, como se não bastasse o compromisso pelo trabalho, mas se exigia o compromisso das pessoas. A esta última exigência damos o nome de “associação”.

Não é difícil interpretar esse duplice movimento como o desafio de maior alcance do legado lassaliano ante os novos tempos. Ambos esses movimentos, nos ajudam a rememorar e responder à grande questão daquilo que almejamos ser.

Assim, ante os novos tempos, sabemos que nossas instituições são maiores do que a soma de seus membros. Sabemos que, acima de nossos títulos e de nossas memórias, formamos parte de uma identidade coletiva capaz de suscitar a esperança entre os pobres.

Para nós, essa identidade é bem mais do que um refúgio ou uma praça forte. Ela é a evidência de que o mundo é muito mais que uma organização. **Se em meio aos movimentos e às ações das forças da globalização existem instituições como a nossa, ainda sobrevive uma possibilidade de futuro.** Os pobres sabem disso.

3. Para que a missão seja possível

Quando consideramos simultaneamente os desafios do mundo da educação e o valor da nossa herança, topamos de imediato com **as grandes metas de nossa dinâmica institucional.**

Nós constituímos uma "rede" de projetos, uma associação de pertenças locais, um organismo complexo que deve propor-se objetivos para atingir a visão que tem de si mesmo. Por isso, nossa percepção deste momento histórico e ao mesmo tempo de nossa identidade de três séculos, nos apresenta vastas áreas de ação. Nelas continuaremos a realizar progressivamente a nossa missão.

Antes de tudo mais, hoje assim como há três séculos, nossa missão deve concretizar-se em conseguir uma **relação coerente entre nossos projetos educativos e as necessidades das novas sociedades.**

Hoje como há três séculos, para que nossos projetos educativos sejam Sinal de Esperança ante estes novos tempos, necessitamos de ser animados por dentro por uma força inteligente e coerente para compreender o que se está passando e dar uma resposta. Para que a nova comunidade das Escolas Cristãs possa portar-se à altura de sua vocação, precisamos revisar o que consideramos um projeto educativo válido e revisá-lo com inteligência ante as novas necessidades do desenvolvimento dos povos.

Chegar a essa coerência pressupõe que oportunamente necessitamos reelaborar programas aparentemente muito distantes de nossa tradição. Como ocorre em toda dinâmica social, nem todas as suas fórmulas chegam a estabilizar-se, quando se caracterizam mais pelo oportunismo ou a fantasia do que pela solidez. Mas a lógica da vida impõe que, sem aceitar inicialmente a possibilidade da divergência, nenhuma instituição chega a responder à novidade social.

A isto não se chegará **sem um modelo institucional adequado.**

Já foi assim desde há três séculos. Com efeito, não podemos esquecer que nos dias da primeira fundação não existiam nem o Ministério da Educação nem os sistemas garantidos de apoio econômico que hoje custeiam o mundo da educação. Por isso, a primeira comunidade teve que inventar tudo: horários, programas, formação, organização em rede, sistemas de pensamento, metodologia... E fez tudo isso antes que, no Ocidente, as Administrações atinassem que a educação era assunto de sua competência.

Igualmente, assim como há três séculos, nossa missão exige que nos proponhamos a meta de constituir **novas comunidades capazes de realizar tudo isto.**

Talvez seja esta a mais urgente das metas que o mundo lassalista deve propor-se hoje, para viver sua missão. Como resposta às novas condições da história e da Igreja, os herdeiros da tradição lassaliana têm necessidade de encontrar novas formas para vivenciar e expressar sua vinculação com os novos projetos educativos. Precisam compreender que todos os seus membros são destinatários em potencial do mesmo chamado de Deus e que, por isso, podem nutrir suas vidas a partir do âmago de seu ministério da educação.

Recriar diariamente as feições da missão

A universalidade do nosso projeto nos está revelando a diversidade de modelos possíveis. Ajuda-nos a entender e tomar em conta que “escola” e “educar” não são realidades concordantes em todas as culturas e em todas as sociedades. Mas, sobretudo, nos aponta que nenhum dos nossos projetos, hoje, pode ser considerado isento da necessidade de ser redefinido, por convencional que possa parecer.

A crise do modelo de administração social, consequência da globalização, nos faz perceber que sob a diversidade de nossos projetos subjaz algo muito mais importante: a necessidade de inventar, de recriar diariamente a idéia de escola. É neste contexto em que nosso legado recobra seu verdadeiro valor.

A obra da Comunidade das Escolas Cristãs, assim como outras obras nascidas de tradições familiares semelhantes, oferece um adicionado valor específico ao mundo: sua experiência de pertença, de algo comum, de uma fecundidade partilhada... Hoje, como sempre, esta experiência institucional é a garantia de que as três metas citadas podem ser atingidas e manifestar as feições à missão.

4. Prioridades estratégicas

As distintas metas que nos podemos propor em nossa caminhada não podem ser atingidas sem orientações ou sem prioridades estratégicas. A tradição lassalista sempre conheceu e sempre esteve em busca de orientações, relevâncias, **valores, que pudessem ajudar.**

Se tivermos em mente que Nosso Senhor e nosso povo estão à espera de que nossos projetos educativos venham a ser Sinais de Esperança em vista de um mundo por vir, teremos que propor-nos atitudes e procedimentos adequados. É evidente, que não chegaremos simultaneamente a planejamentos institucionais coerentes com as novas necessidades do mundo e com o valor da nossa herança, caso não articularmos nossos programas em torno de determinados critérios.

Neste caso, hoje, assim como há três séculos atrás, nossa comunidade tem que viver animada pela **fé**, isto é, pela atenção responsável prestada ao significado dos sinais dos tempos. Assim entendida a fé, ou o espírito de fé, nos mostra que o critério fundamental em qualquer tempo de mudança histórica é **a fidelidade.** Esta é nossa grande prioridade.

Em períodos de mudança histórica, como ocorreu durante a primeira fundação, aquilo que confere a uma instituição algo valioso, não é primeiramente sua capacidade de trabalho ou de organização, mas, sua fidelidade inteligente e responsável a seus destinatários.

Por definição, em períodos de mudança se conhece melhor aquilo que já não se vê, do que o novo e o que convém. Por isso se busca, experimenta, critica, verifica. Depois, pouco a pouco, as ondas se vão serenando, e, surge uma nova rota, límpida, que coincide ou não com a anterior. Por isso é que os tempos de mudança não nos convidam a ser populares, agir com pressa, mas sim, nos incitam à fidelidade.

Cultivar este valor pressupõe que no âmago de nossos projetos educativos esteja bem viva **a consciência de que temos que ser Sinais de Esperança para os pobres.** Esta consciência significa viver animados pela responsabilidade em face das novas condições da vida, de mo-

do que nos preocupe mais a verdade da nossa proposta que seus resultados imediatos ou sua rentabilidade social.

Idealizar e partilhar a responsabilidade

Esse senso da responsabilidade não nos permite poupar esforços: vez por outra seremos orientados para resultados de valores opostos. É preciso que nossos projetos sejam realmente criativos e livres, e que dentro deles todos os membros sintam que têm algo a dizer.

Isto, porque a fidelidade é criativa.

A fidelidade une e assegura a diversidade, uniformiza e distingue ao mesmo tempo. Impõe que cada pessoa seja uma realidade própria, necessitada de uma resposta específica e capaz de um projeto original. Quando se participa de um projeto educativo animado pela fidelidade, cada pessoa corrobora com sua maneira específica de responder a necessidades e de oferecer alguma contribuição. Fazendo isto, todos se assemelham entre si e, contudo, todos permanecem distintos. Ninguém se satisfaz com alguma rotina. Esta é a riqueza da Comunidade, aquilo que torna capaz de responder aos desafios das novas sociedades.

Nas novas Comunidades Lassalistas, em concreto, **a fidelidade faz que o religioso e o leigo, o cristão e o homem de boa vontade, encontrem seu lugar.** Todos eles compartilham o mesmo empenho para animar seu projeto Educativo, cada um a partir de sua própria maneira de viver a fidelidade. Por seu modo de vida, uns realçam a eficácia, a capacidade criativa, a concepção positiva da vida; outros, o mistério, a esperança, a disponibilidade.

Todos são animados pela consciência de sua responsabilidade neste momento histórico. Assim participam diariamente na reinvenção do Signo da Comunidade Educativa.

Para prosseguir na reflexão e a partilha em grupos

A partir dos quatro passos propostos, considerem a realidade do projeto educativo local lá onde vocês estão atuando, e se façam os seguintes questionamentos:

1. Quais são os desafios mais dignos de atenção que nos lançam os destinatários de nossa missão (seja qual for a resposta que nós lhes estejamos dando)?
2. Que relação existe entre o seu trabalho e o seu grupo, isto é, o quê existe em vocês de organização educativa e o quê de comunidade educativa?
3. Quais são as prioridades estratégicas que realmente estão orientando o compromisso de vocês com nosso projeto lassalista?
4. O quê lhes diz tudo isto em face do tema da Associação?

5. O DESAFIO DA PERTENÇA

Irmão Bruno Alpago, fsc

Num sentido lato, a associação lassalista abarca muitíssimas pessoas empenhadas na educação da juventude. Dentro desse conjunto, há aqueles que dedicam toda a vida a esse ministério; muitos outros, ainda que dediquem a esse apostolado apenas parte do seu tempo, o fazem numa perspectiva que não se limita a um emprego para ganhar seu sustento, ou para atingir algum nível de satisfação profissional.

O quê será que os move e inspira para isto? - O quê pode representar isto para suas vidas e para as vidas de seus educandos? – Até onde podem eles chegar em sua dedicação? – Que valor pode ter isto para o mundo?

Estes parágrafos mostram que, para os educadores que tomam para si a inspiração lassaliana, a atividade que exercem não se identifica apenas com a execução de um trabalho individual ou coletivo. Nas tarefas que executam, eles reconhecem como sentido e como fim, dar uma resposta a um chamado, uma vocação, dar cumprimento a um envio, corresponder a uma confiança depositada neles. Trata-se de uma **missão** encomendada a um **corpo social** que responde a ela exercendo uma **profissão**.

A comunidade fundacional, agrupada em torno de João Batista de La Salle, expressou essa consciência bem no início das *Regras Comuns*: “O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs é uma sociedade na qual se faz profissão de dar aula gratuitamente...; o fim deste Instituto é dar uma educação cristã aos meninos, e com este objetivo os seus membros mantêm escolas” (*Regras Comuns de 1718, cap. 1º, arts.1 e 3*; os mesmos termos são repetidos nas *Regras Comuns de 1705*).

Uma primeira olhada nestes artigos das Regras Comuns, nos incita a ver especificados: “ministrar uma educação cristã aos meninos” – “o corpo da Sociedade, o Instituto” – “a profissão, lecionar em escolas, e fazer isto gratuitamente”. Outras locuções desse mesmo texto proporcionam importantes especificações: “os meninos em questão são ‘os filhos dos artesãos e dos pobres’, de maneira muito geral abandonados a uma situação sem esperança’. Libertá-los desse cativo funesto abre para eles a possibilidade de uma vida humana digna, e a Boa-Nova – “o Evangelho” – a que essa associação de professores se dedica para levar ao mundo dos pobres e, através deles, muito simplesmente, a todo o mundo. É este o contexto da locução “educação cristã” (*Regras Comuns de 1718, cap. 1º, art. 4-6*; ver também *Meditações para o Tempo de Retiro, nº 194, 1*).

1. A experiência de um chamado...

Ainda que a Comunidade Lassalista tenha nascido numa época e num ambiente de cristandade, a história prova que sua inspiração continua exercendo atrativos a educadores muito distintos, mesmo que tenham posicionamentos diferentes em face da fé religiosa. Eles reconhecem que os princípios e o estilo lassalistas de vivenciar a dedicação à educação, respondem a interpelações e a anseios profundos e vitais.

Normalmente, os educadores podem chegar a captar que, atuando como tais, estão dando uma resposta a um “plano ou desígnio” que vem de alguém que lhes é superior, os orienta, os impulsiona e transcende. Eles intuem que ali existe algo como um chamado, uma convocação pessoal e urgente, uma tarefa importante a cumprir, não somente *em si mesma*, mas cumprida

por eles. Finalmente, intuem que tudo isso é decisivo não apenas por aquilo que *fazem*, mas para o quê *são*; em outras palavras, que aquilo que está em jogo não é somente o seu *emprego*, mas também sua *identidade*.

Neste *fazer* e neste *ser*, é muito normal que os educadores (pessoas e grupos) sintam que, com muitos outros, homens e mulheres, estão partilhando um impulso em favor do bem da humanidade, do progresso em humanidade. Uma vez que adotaram esse objetivo, não é raro que, individual ou agrupadamente, fixem o olhar naqueles que, num ambiente dado ou em geral, são os mais fracos, desfavorecidos, menosprezados, deserdados, excluídos, e se solidarizem com eles.

Esta experiência pode aprofundar-se em duas direções. Uma delas poderia ser denominada de “direção da identidade”: exercendo o ministério da educação em fidelidade a um “plano ou desígnio”, descobre-se ali um sentido que, transcendendo todo valor relativo ou parcial, se localiza no mais elevado do ser humano e que, desde essa posição suprema, pode exigir, não apenas competência profissional e honestidade moral, mas também polarizar toda a existência numa entrega exclusiva e total. – A outra poderia ser denominada de “direção da associação”: a fidelidade ao “plano ou desígnio” se educa, se potencializa e se plenifica – e, em geral se suscita – no interior de uma comunidade humana à qual pertence.

Na realidade, as duas direções se complementam mutuamente. Em especial, a dimensão comunitária não é um agregado menor; é algo importante. Por um lado, todo processo educativo, enquanto processo de crescimento em humanidade, aponta para possibilitar e aperfeiçoar a convivência humana. – Por outro lado, toda comunidade de educadores e de educandos se constitui em sinal e antecipação da finalidade a que o processo educativo visa; é essa mesma comunidade que garante a eficiência do processo (eficiência relativa, tratando-se de processos de pessoas livres). – Por fim, qualquer pessoa que descobre ter uma missão a cumprir na educação, sente-se impelida a partilhar com outras pessoas sua resposta ao chamado. Em suma, se a comunidade é a finalidade da missão educativa, ela é também seu ambiente próprio e seu primeiro recurso, além de ser sua origem.

Por sua própria índole, toda forma de associação lassalista procura ser um espaço de escuta atenta às necessidades da juventude pobre, - e, a partir desta, da juventude em geral – e de discernimento dos seus apelos; seus membros se educam mutuamente para ler e interpretar a realidade humana partindo dos pobres.

...um chamado que pode ser vivenciado como uma convocação de Deus

Todos aqueles que crêem em Deus, e mais exatamente num Deus comprometido com a história humana, aceitam que esse chamado tem sua origem nEle e é o ponto final da resposta que dão. Para muitos deles é esclarecedor e estimulante saber que a esse chamado-resposta, com muita propriedade, se pode dar o nome de **Consagração**.

Nesta consagração, bem como em qualquer outra forma de consagração, a iniciativa vem de Deus. Com serena clareza, La Salle afirma: “É Deus quem ilumina os corações daqueles que Ele destina para anunciar sua Palavra aos meninos”, “Ele os incumbe deste ministério” (*Med. 193, 1*). Sob este prisma, a educação dos jovens é “obra de Deus” (*Med 193, 3; 201, 1...*). Deus tem o máximo interesse nesta obra, porque o que está em jogo é a realização, ou então a frustração da vida humana; seu interesse chegou ao extremo de entregar seu próprio Filho Jesus Cristo, para que os homens “tenham vida e a tenham em abundância” (*Cf. Med. 201, 3*, citando Jo 10,

10). Votar-se à educação é, pois, anuir ao chamado de Deus, reconhecer a iniciativa dEle, e oferecer-se a Ele para colaborar no seu plano salvífico.

Se a dimensão religiosa for significativa, todas as formas de associação lassalista ajudarão a seus membros assumir sem receios, e a vivenciar sua profissão de educadores com essas características de uma consagração. Para isto, cultiva neles a fé, que lhes permite reconhecer em sua vocação de educadores uma deferência do amor soberano de Deus que os chama, os designa e envia para trabalhar em “sua vinha”; esta mesma fé faz com que, nas necessidades dos pobres e dos jovens em geral, eles vejam que está em jogo o amoroso plano salvífico de Deus, que “quer que todas as pessoas se salvem, e cheguem a conhecer a verdade” (*1Tm, 2, 4*). Por isso, finalmente, celebra em ação de graças a consciência do chamado, ratifica o oferecimento e suplica humildemente a graça da fidelidade ao Deus fiel.

2. A experiência de uma resposta...

Com a experiência do amor que move e dá sentido a suas vidas, os educadores se oferecem para fazer entrar nesse amor os jovens, sobretudo aqueles que têm menos experiência e menos consciência desse amor que é a sua salvação.

Sua dedicação se caracteriza por um entusiasmo que, na tradição lassalista, é denominado de **zelo**.

Essa doação entusiástica de si mesmos, tem que ser totalmente cordial. Total na duração: cada dia, todo o dia e todos os dias, os educadores renovam sua entrega aos jovens. - Total na intensidade: os educadores oferecem tudo o que lhes for possível, tudo o que o amor exige. Seu desinteresse total presume não somente a gratuidade do serviço, mas também a renúncia a qualquer busca de si mesmo; nem sequer eles se detêm ante a perspectiva de dar a vida por amor aos jovens, no exercício do seu ministério.

Este ideal é raramente atingido; e, a muitos, é impossível propô-lo em toda a sua radicalidade. Mas, ele não carece de sentido, porquanto indica o rumo que a inspiração lassalista deve seguir.

Uma tal entrega é absoluta e plenificante. Dela dá testemunho o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, cujos membros a assumem como princípio e com exclusividade. De maneira especial, e considerado sob este aspecto, o fato de o Instituto ter procurado e mantido seu caráter exclusivamente laical, a todo o custo, ao longo de toda a sua história – malgrado as pressões de fora e as vacilações de dentro – constitui um sinal particularmente esclarecedor.

Toda forma de associação lassalista se apresenta como um espaço propício para vivenciar e consagrar-se ao exercício da educação como uma resposta ao amor que chama, dada por motivação do amor que impele.

Um resposta que pode ser vivenciada como consagração aos pobres

O chamado de Deus aos educadores adquire forma nas necessidades de educação dos jovens, mais especialmente dos pobres.

Para que aqui se possa falar em consagração, é necessário que o clamor daqueles que necessitam de educação seja percebido como um chamado “para mim”, que não se reduza a algo

meramente objetivo e mais ou menos anedótico ou fútil, mas que penetre no coração de um educador, o sacuda e exija uma resposta de compromisso.

Podemos ler algo assim no itinerário pessoal de São João Batista de La Salle: educado e bem instalado nos confortos da classe média do seu tempo e lugar, cônego, doutor, e mais que medianamente rico, deixou-se gradativamente capturar pelos pobres numa série de compromissos, cada um dos quais o conduzia a outro, que não podia de forma alguma antever. Para ser fiel a eles foi-lhe preciso anuir a rupturas profundas e dolorosas. Desta maneira, o mundo dos necessitados, que inicialmente podia fixar de fora com olhos de benfeitor, acabou sendo seu próprio mundo, o espaço de onde pôde discernir o plano salvífico de Deus, e comprometer-se com ele. Iluminado pela fé, assumiu os interesses dos pobres como interesses de Deus; e assim, o zelo pela salvação dos pobres se igualou nele ao zelo pela glória de Deus.

Num processo similar, a atenção prestada pelos educadores ao chamado de Deus se nivela com a atenção que prestam aos apelos dos pobres. O zelo deles pela obra de Deus se torna real na dedicação terna, inteligente e desinteressada aos jovens, no esmero com que atualizam sua cultura e renovam sua pedagogia para, gradativamente, poder prestar um serviço sempre melhor. O assumir dos interesses do Reino de Deus se concretiza quando os educadores dão a preferência àqueles que a sociedade relega ao último lugar. Efetivam assim o sinal messiânico: a Boa-Nova é anunciada ao pobres.

Toda associação lassalista procura situar-se lá onde os pobres estão, num lugar onde possa compreender e comprometer-se com o mundo da educação. Procedendo assim é que dará testemunho do valor supremo do homem, - “única criatura sobre a terra a que Deus quis por si mesma” (*Gaudium et Spes*, 24)- , e se dedica com amor e esperança para promovê-lo.

3. A experiência da pertença...

A resposta lassalista às necessidades educativas dos pobres, sempre tem sido em forma associada: *juntos e por associação*. O capítulo 3º deste dossiê mostra que não se trata de algo acidental.

Na prática, a adesão ao estilo lassalista de educação é vivenciada como incorporação num grupo – ou em grupos – de pessoas que consigam infundir na instituição educativa certas características, nas quais se concretize um “espírito” partilhado.

Talvez isto seja mais evidente quando alguém chega pela primeira vez. Não raras vezes, os educadores que ingressam numa instituição lassalista, percebem um estilo de relacionamentos que lhes chama a atenção. Dentre os colegas eles intuem respeito, franqueza, sinceridade, colaboração, solidariedade, diálogo, apoio mútuo, inclusive afeto, e adesão à instituição que chega a ser até mesmo abnegação. Com respeito aos alunos, respeito e valorização das pessoas, interesse pelas situações individuais, preocupação pelo progresso deles, proximidade, afã de adaptação, disponibilidade, criatividade para descobrir novos recursos pedagógicos, doação de tempo, meios e afeto, bem para além daquilo que se poderia exigir estritamente pelo regulamento ².

Aderir a um grupo de educadores de características assim, ou de outras, permite algo mais que unicamente “sentir-se bem” ali. É incorporar-se num ambiente de encontro entre o chamado (o apelo dos pobres, o apelo do ideal de humanidade,...) e a eficiente resposta educativa

² É evidente que enfatizar nos relacionamentos não implica em descuidar os conhecimentos e instruções indispensáveis para a construção da comunidade humana. Enfatizar não significa negar o restante.

(possibilitar aos pobres uma convivência humana digna...). É incorporar-se a algo que seja sinal (presença antecipada e como que embrionária) da comunidade humana possível, e instrumento de sua construção.

Toda forma de associação lassalista tenciona oferecer-se como um ambiente assim, e cultivar em seus membros o sentido de pertença a ela.

Experiência que possa ser vivenciada como comunhão

Adentrando-nos nas implicações da pertença a alguma forma de comunidade, podemos chegar a compreender e experimentar a vocação educadora e a resposta dada em associação com outros, como um dom gratuito:

- O próprio chamado é dom gratuito porque, na base da responsabilidade e da tarefa incumbida, está a deferência que surge de um amor confiante; e também porque orienta (e igualmente revela) as capacidades e os talentos de que a pessoa está dotada.
- A resposta é dom gratuito, porquanto supera as expectativas prévias e faz chegar ali onde não se acreditava chegar; e, além disto o é, visto que leva a superar o autocentrismo e a abraçar como próprios os interesses dos pobres.
- Os colegas educadores, os jovens que são educados, os outros, são um dom gratuito. Todos estes com seus dons e com suas necessidades diferentes e complementares, manifestam a riqueza inesgotável do humano. E diante deles, a própria gente se percebe como dom gratuito para si, para os colegas, para os jovens.
- O próprio “fato” lassalista é um dom gratuito, quer venha de longe ou de perto, no tempo, que hoje se apresenta como possibilidade de salvação, e que convida a tomar parte ativa nele, juntamente com outros.
- Por último, e sobretudo, é dom gratuito a fidelidade, expressada de diversas maneiras: fidelidade do chamado, porquanto o clamor dos pobres nunca será silenciado, e sempre deve continuar a ser ouvido; fidelidade da resposta, uma vez que a continuidade da auto-doação pessoal e grupal supera as possibilidades humanas; fidelidade da Comunidade Lassalista, que continua a estar presente e renascendo em meio às mudanças da história, sempre orientada e reorientada pelos antigos e os novos apelos dos pobres.

Uma comunidade lassalista – seja qual for a forma que adotar nos novos tempos – em que se vivenciar a vocação educadora como um dom, se converterá num espaço de comunhão, se com este termo se puder representar um encontro permanente e não superficial.

Comunhão com a transcendência (que pode ser vivida na multiplicidade das crenças religiosas, inclusive sem professar nenhuma): a consciência do dom remete à sua origem e a seu fim; a resposta fiel e generosa aos pobres comprova o valor transcendente dos seres humanos (de todos e de cada um), valor não redutível a coisa alguma.

Comunhão com outros: a experiência de trabalhar com outros e para outros, pode fazer crescer a graus sempre mais elevados a união de projetos e de vidas, à medida que cada pessoa e cada grupo forem conduzindo sua fidelidade.

Se ousarmos chamar a realidade transcendente que intuimos como a primeira fonte e o fim último de todo o amor, de todo dom e de toda fidelidade como “Deus” (ou “não importa o quê”), então a entrega da própria pessoa para procurar com outros, por meio da educação, a dig-

na e justa participação dos pobres na comunidade humana, poderá ser chamada de consagração a Deus, para procurar a glória dEle.

Este é o panorama final da pertença a toda e qualquer forma de associação lassalista.

Para prosseguir na reflexão e partilha em grupos

1. Quais dos elementos aqui apresentados expressam melhor a realidade da associação, assim como ela é vivenciada em suas Regiões? - Como vocês os apresentariam a um grupo de pessoas que estivessem em busca de pistas para assumir um compromisso maior com a missão educativa lassalista?
2. Quais dos elementos apresentados nestas páginas lhes parecem mais esclarecedores, de perspectivas realmente estimulantes para os relacionamentos mútuos entre os colegas com quem vocês estão atuando no seu ministério educativo? - O quê vocês têm que enfrentar, como particularmente desafiador, para a realidade do local concreto em que vocês estão atuando?
3. Em que medida, vocês vêem seus centros educativos espelhados nesta reflexão?
4. Que passos deverão ser dados em seus centros educativos, para que algo de tudo isto venha a ser realidade? - E nas suas Províncias? - E no Instituto?
5. Quais idéias vocês julgam mais úteis para o crescimento nos relacionamentos entre os Irmãos e os Leigos lassalistas? - Que outras idéias vocês poderiam sugerir para serem incluídas?

5. ESPIRITUALIDADE LASSALIANA E ASSOCIAÇÃO

Irmão Michael F. Meister, fsc

À medida que a mensagem lassaliana se foi disseminando por todo o mundo, foi também abraçada por muitos, tanto estudantes como professores, ainda que não católicos romanos, nem mesmo cristãos. Esta é uma particularidade que La Salle não pôde prever, mas é o resultado do atrativo da sua visão e do seu carisma, dentro do qual todos os lassalistas, independentemente de suas crenças, se sentem à vontade. Eis porque a compreensão universal da *Espiritualidade Lassaliana* se tem ampliado à medida em que foi partilhada mais abrangentemente na diversidade de pessoas que se foram *associando*, através de seus trabalhos na implementação da visão de La Salle. O que aparentemente tornou esta visão tão atraente para tantas pessoas, é que ela abarca todos os jovens, ali onde eles estão, e procura salvá-los mediante a educação que move não apenas suas mentes, mas também seus corações. Isto se realiza num contexto de respeito individual aos alunos e aos professores – suas pessoas, seu destino, suas crenças. Este respeito tem sua fundamentação na fé, que é o espírito deste Instituto, e, outrossim, se manifesta num zelo que continua a animar a missão lassalista junto dos jovens.

1. Uma visão que desperta interesse e inspira simpatia

Nas suas *Meditações para o Tempo do Retiro*, La Salle apresenta muitas perspectivas diversas, atinentes aos contatos ou relacionamentos dos educadores lassalistas com seus alunos. Pode ser que nenhuma dessas perspectivas seja mais evocativa do fundamento espiritual de sua doutrina sobre educação, do que aquela que consta no 2º ponto da Meditação 195:

“Vós sois os embaixadores e ministros de Jesus Cristo no vosso emprego. Por isso, deveis desempenhá-lo como representantes do próprio Jesus Cristo. Ele quer que vossos alunos vos considerem como a Ele próprio, e recebam vossas instruções como dadas por Ele pessoalmente. Devem estar persuadidos de que a verdade de Jesus Cristo fala pela vossa boca e que é unicamente em seu nome que ensinai, porque Ele vos confere autoridade sobre eles. Vossos alunos deveriam sentir que são carta por Ele ditada, e escrita por vós, todos os dias, em seus corações, não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivo, que atua em vós e por vós, mediante a virtude de Jesus Cristo. Este vos faz vencer todos os obstáculos opostos à salvação desses alunos, iluminando-os na pessoa de Jesus Cristo, para evitarem o que lhe possa desagradar.

Para cumprir este dever com tanta perfeição e exatidão quanto Deus exige de vós, entregai-vos muitas vezes ao Espírito de Jesus Cristo, a fim de procederes em tudo unicamente por Ele, e que o vosso próprio espírito não tenha parte alguma. Que este Espírito Santo se derrame assim sobre vossos alunos, e estes cheguem a possuir plenamente o espírito do cristianismo.

Seja qual for algum *background* cultural ou religioso, o sentido desta passagem é claro, porque relaciona com o sentido da missão pela qual optaram aqueles que se denominam de “lassalistas”: existe um caráter de sagrado naquilo que fazem – eles são os embaixadores do sagrado. Portanto, eles não são apenas veiculações do conhecimento para seus alunos, mas também representam para eles uma conexão com aquilo que é santo, aquilo que é supremo, divino, aquilo que é próprio do reino do Espírito.

2. A abordagem da espiritualidade lassaliana

Um estudo analítico da espiritualidade lassaliana deve iniciar com o Deus de La Salle e da fé cristã, dentro dos quais ele, La Salle, articulou sua intuição de educação. Ao mesmo tempo, como observado acima, essa visão intuitiva continua viva em virtude dos Irmãos e das inúmeras pessoas que se associaram e continuam associando-se a eles, denominando-se lassalistas. Essa visão, de mais em mais está tomando forma pelo sentido comum de associação, o sentido de tra-

balhar juntos para o mesmo fim, e amplamente se apóia numa espiritualidade comum, fundamentada nos princípios espirituais que o próprio Fundador adotou como seus, e legou por escrito. Essa espiritualidade hoje se ampliou pelo fato de que o mundo lassalista é realmente global, diversificado, e constituído de uma “trindade” de depositários: os Irmãos, aqueles que se associam a eles na missão educativa, e os alunos, que interligam os três com um objetivo relacionado com sua mais genuína salvação. A espiritualidade lassaliana, por isso, celebra o fato de que os Irmãos e seus associados são chamados à ação por Deus, e pelos alunos que lhes são confiados, para que estes sejam salvos.

3. O quê é espiritualidade

O reino da espiritualidade nos conduz para dentro de nós mesmos e afeta as coisas do espírito. No mínimo, é uma apreensão, ou, inclusive, um encontro com o sagrado e o santo que fica do lado de fora do que ocorre nas experiências ordinárias da vida. É uma maneira de procurar a Deus e, ao mesmo tempo de dar uma resposta ao convite de Deus para interrogar-se mais profundamente e ver tudo com olhos diferentes. É um elemento profundo de toda a tradição religiosa e, independentemente dos nomes que as pessoas dêem a Deus, representa uma base comum em que todos os seres humanos podem identificar-se.

Fundamentalmente, a espiritualidade é uma maneira de valorizar e de articular a experiência de Deus. Cada cultura, e cada civilização, ao longo do tempo, trazem constantemente consigo a recordação de suas experiências do sagrado. Mesmo que cada indivíduo tenha alguma experiência diferente de Deus, existem também articulações desta experiência, profundamente significativas, para muitas pessoas ao mesmo tempo e durante longos períodos de tempo. Estas chegam a tornar-se tradições ou “escolas” que atraem aderentes por encontrarem um sentido mais profundo em suas vidas, porque essa espiritualidade particular lhes inspira uma maneira para articulá-la e vivenciá-la.

A espiritualidade é, pois, um dom de Deus. Não é meramente uma experiência rara para “pessoas santas” ou “pessoas religiosas por profissão”. Os cristãos crêem que Deus ama tanto os seres humanos que ele se fez um deles na pessoa de Jesus Cristo. De maneira muito significativa, a espiritualidade é a progressiva valorização dessa realidade durante a vida.

4. Uma espiritualidade lassaliana

Dá-se isto com os seguidores de São João Batista de La Salle, que dele herdaram uma tradição espiritual, e que se esmeram por encarnar essa tradição em suas vidas, enquanto vão dando continuidade à intuição lassaliana, através da missão educativa no mundo de hoje. Essa espiritualidade – tão profundamente arraigada no Novo Testamento – brotou de sua permanente convicção de que seus discípulos, nas palavras de São Paulo, são “embaixadores de Cristo” para seus alunos, e os alunos, por sua vez, são uma carta que Cristo dita, e que os professores escrevem em seus corações cada dia.

A espiritualidade lassaliana é, portanto, uma espiritualidade relacional. Aqueles que a abraçam não somente encontram nela o meio de nutrir seu próprio relacionamento com Deus, mas eles também descobrem nesta espiritualidade, que eles se vão tornando uma poderosa força para o bem nas vidas de seus alunos, e que seus relacionamentos com os alunos são um elemento-chave de sua experiência daquilo que é sagrado. Este senso de relação evidencia a originalidade da espiritualidade que La Salle propôs aos membros de sua sociedade. Não foi algo para ser vivido somente em tranqüila contemplação por trás dos muros de um mosteiro, como até então

havia sido normal. Mais propriamente, ele respondeu às necessidades dos pobres do seu tempo, adaptando numerosos elementos da espiritualidade francesa contemporânea, especificamente para seus professores, e deu-lhes um sistema que ilustrava o mistério de Deus presente e ativo dentro dos Jovens que freqüentavam suas escolas.

Os cristãos crêem que eles existem primeiramente e acima de tudo para Deus, como foi revelado através de Jesus. Ao mesmo tempo, a vocação dos associados lassalistas, homens e mulheres, os chama a considerar essa vida para Deus, contextualizada em sua associação juntos, para a finalidade da educação. A relação da educação se torna o meio através do qual encontram a Deus – especialmente através da atenção que prestam às necessidades daqueles a quem ensinam. E, quando os alunos se percebem como parte nesta relação, eles também são estimulados e trazidos para dentro do reino, onde esse encontro se torna possível.

5. Não somente para Irmãos

A espiritualidade lassaliana é uma manifestação da herança viva do Instituto vinda diretamente de La Salle, e é o resultado do itinerário espiritual dele próprio. Por isso, para os atuais lassalistas, é uma maneira de entretecer a história de Deus com sua própria história – sua história, seu itinerário de vida - como indivíduos e como um Instituto “associados juntos”, centralizados em sua missão de educadores. Assim, neste sentido, é uma “espiritualidade itinerante”- uma “peregrinação lassalista”.

Espiritualidade na tradição lassalista, é uma espiritualidade para pessoas ativamente envolvidas no ministério do Evangelho – um ministério exercido no mundo, não dissociado do mundo. Por isso, a espiritualidade lassaliana não é somente para os Irmãos. Nestes anos recentes ficou claro – especialmente a partir dos dias de o princípio da “Missão Partilhada” ter sido assumido tão entusiasticamente – que seus colegas leigos e associados querem partilhar em algo mais do que, e acima dos trabalhos dos Irmãos. Esses associados não almejam apenas saber mais da história e do legado do Fundador aos Irmãos, mas anseiam por conhecer mais de sua espiritualidade, que eles consideram muito atraente, convidativa, realista, simples e acessível, exatamente por ser uma espiritualidade fundamentada nas realidades do aqui-e-do-agora de suas vidas como professores. É um pró-memória que este mundo – o mundo dos seus alunos – é o lócus da Encarnação. Sendo isto assim, incumbe aos Irmãos que herdaram esta espiritualidade de seu Fundador, ensiná-la, e partilhá-la com aqueles que se associaram com eles. E assim, eles não são associados apenas em virtude de sua missão, seu ministério, ou sua vocação comum de ensinar, mas também são associados em virtude de um incitamento – que teve origem no próprio La Salle – de “buscar Deus ali Ele mora, e vê-lo nos seus alunos assim com esses alunos esperam ver Deus neles’.

6. Uma espiritualidade para professores

Na qualidade de espiritualidade para professores, a espiritualidade lassaliana procura unir e integrar a missão evangélica de anunciar Cristo com a missão profissional de ensinar. Assim, ela abandona as tradicionais dicotomias de ativa vs contemplativa, profissional vs espiritual. É uma espiritualidade para educadores, para professores, para aqueles que moldam os corações e as mentes dos jovens, para aqueles que encarnam a realidade de Cristo para seus alunos. Deste modo, é uma espiritualidade que celebra a presença de Deus – Deus que está permanentemente ativo no mundo, permanentemente criativo, permanentemente nos dirigindo sua palavra, permanentemente convidando. É um modo de viver conscientemente na presença desse Deus que se faz presente nos professores, presente nos alunos deles, presente nos relacionamentos que os man-

têm juntos, presente nos locais onde eles se encontram. Desta maneira, a espiritualidade lassaliana incorpora em sua própria configuração característica aquilo que é comum a todas as espiritualidades cristãs – a experiência do Espírito Santo de Deus.

7. A primazia da Sagrada Escritura

Ao longo de todo o desenvolvimento da doutrina espiritual de La Salle, é evidente a primazia da Sagrada Escritura, e este é um reflexo de sua grande devoção à Palavra de Deus durante toda a sua vida. Desperta em nós a idéia de que o santo Fundador se tornara transparente para que a Palavra de Deus espargisse luz através dele. Nisto, ele exhibe a seus seguidores aquilo que é o cerne da espiritualidade cristã – deixar que Deus brilhe através deles. Isto vem a ser a principal diretriz para os educadores lassalistas que, com São Paulo, repetem cada dia: “*Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*” (Gl 2, 20). No desenvolvimento de uma fundamentação espiritual para professores – ministros ativos – La Salle se serviu abundantemente de São Paulo. À imitação desse grande apóstolo, falava de si e de seus companheiros como “embaixadores”, “ministros”, “administradores” e “mensageiros” de Cristo – das coisas santas, do sagrado, do supremo. No contexto de uma espiritualidade lassaliana, cada um destes termos também define claramente a função dos professores com relação a seu chamado, e àqueles a quem são convocados para cuidar, seus alunos. Assim como São Paulo, sua espiritualidade como lassalistas é uma maneira dinâmica para vincular seu chamado com aqueles que lhes são confiados para os instruírem e educarem.

8. Tensão mental e espírito empreendedor na espiritualidade lassaliana

Existe uma tensão mental compulsiva e criativa na espiritualidade lassaliana. Por um lado, La Salle urge seus seguidores – na linguagem de São Paulo – a se convencerem de que são “embaixadores” de Jesus Cristo. Por outro lado, em um dos mais ousados *insights*, ele ressalta sua função de “salvadores” de seus alunos. Na função de “embaixadores” eles próprios representam Jesus Cristo, e também o apresentam aos outros. Na condição de “embaixadores”, a espiritualidade lassaliana os mantém em permanente comunhão com seu Mestre. Eles personificam sua presença aonde quer que vão, em o que quer que façam ou falem. Neste sentido, sua espiritualidade se volta para fora: é para seus alunos que são embaixadores. Na sua missão e ministério como lassalistas, seus alunos os convocam a *ser*. Assim, na sua função espiritual de “salvadores”, eles conduzem seus alunos a Deus, e trazem Deus a eles. Também chamam seus alunos a *serem*, e seus alunos, por sua vez, os chamam a *ser*.

Este relacionamento recíproco entre professor e aluno – não somente ao nível da educação, mas ao nível do coração – é característico da vocação lassalista. Em sua função profissional, é a educação sólida e prática que ministram que “salva” os alunos para a liberdade e a dignidade, e para um lugar condizente no mundo. Como “embaixadores” e “salvadores”, pois, os lassalistas encontram a realização plena numa espiritualidade cristocêntrica e encarnada. Ao encarnarem Cristo para seus alunos e vê-lo encarnado neles, eles também crescem mais profundamente na semelhança com Cristo. No âmago de toda espiritualidade cristã se encontra o desejo de tornar-se sempre mais semelhante a Cristo. Como lassalistas, imitando a Cristo, os professores são os modelos para os alunos.

9. O papel da Providência

Ainda, em outra tensão criativa para lassalistas, o vigor de sua função ativa de “embaixadores” e de “salvadores” é compensada por um humilde senso de uma perspectiva que qualquer

espiritualidade deve manter. Os lassalistas a enquadram nas palavras do Profeta Habacuc: “*Senhor, a obra é tua*” (Hab 3, 2). Para La Salle e para eles, a espiritualidade se centra na confiança na Providência de Deus. Este é um aspecto muito significativo: eles confiam na fidelidade de Deus. Seu trabalho é a obra de Deus, e em Deus e com Ele podem fazer tudo.

São Paulo realça esta tensão quando declara: “...o que é fraqueza de Deus é mais forte que os homens” (1Cor 1, 25).

10. Espiritualidade e “o espírito do nosso Instituto”

A par do citado senso da Divina Providência, os discípulos de La Salle encontram outros “conceitos primordiais” em sua doutrina espiritual, que são como que o leito de rocha sobre a qual se funda sua espiritualidade: Fé, zelo, e gratuidade. Fé e Zelo – como duas faces de uma moeda, constituem o espírito do Instituto, e nunca são separados. Em sua meditação para a solenidade da Epifania, o Fundador escreve: “*Que a fé vos mova a instruir os pobres, com amor e com zelo, porque esses meninos são os membros de Jesus Cristo*” (Med. 96, 3). A gratuidade, tão primordial na estrutura dos empenhos de La Salle, torna-se uma faceta muito rica de sua espiritualidade, quando se considera que não é apenas uma realidade econômica na escola lassaliana, mas que põe os lassalistas frente a frente com a realidade teológica do dom gratuito da salvação por parte de Deus, que como ministros podem pôr à disposição de seus alunos em seu mister de embaixadores de Cristo.

11. Uma espiritualidade de comunhão

A comunhão implica um tipo particular de partilha, um nível mais profundo de comunicação, um vínculo – todos eles conceitos que conduzem a uma melhor compreensão da associação, que está no âmago da missão evangélica comum que une os lassalistas. Por sutil que possa parecer, a importância da comunhão não deve ser vista de cima na espiritualidade lassaliana. Como elemento de qualquer espiritualidade, a comunhão coloca bem próximos o divino e o humano. Isto pode ser notado, como acima se observou, onde todos os que abraçam a espiritualidade de La Salle se vêem como embaixadores de Cristo e ministros da salvação que Ele oferece gratuitamente aos alunos.

A Comunhão está no coração da comunidade, a realidade muda mas vívida que energiza aqueles que a criam e lhes dá um sentido de solidariedade. A espiritualidade lassaliana, centralizada na pessoa de Jesus nos outros, e na freqüente prática da presença de Deus, torna a associação lassalista capaz de transcender a mera confederação internacional de professores, e chegar a ser uma potência santa para o bem, nas vidas de numerosos jovens em todo o mundo.

12. Uma espiritualidade de diálogo

Qualquer espiritualidade, como relacionamento de amor - uma comunhão - com Deus, implica um diálogo permanente. A espiritualidade lassaliana toma para si este elemento do diálogo e inclui os alunos no “colóquio íntimo” entre Deus e o professor. Desta maneira, é uma espiritualidade direcionada para o outro mais do que direcionada sobre o próprio eu. Parafraseando o ícone da escada de Jacó, do Antigo Testamento, na sexta Meditação para o Tempo do Retiro, para La Salle, os professores são tal qual os anjos que sobem a Deus para lhe manifestar as necessidades de seus alunos, e receber suas ordens, e de lá descem para ensinar aos alunos a vontade de Deus, no tocante à sua salvação. A oração dos professores lassalistas é, pois, uma oportu-

nidade para eles levarem a Deus as necessidades dos seus alunos, e trazer de volta para eles os “assentimentos” de Deus.

Um outro exemplo disto pode ser encontrado em sua Meditação para a Vigília da Ascensão, onde, para La Salle, a oração é um diálogo em favor dos alunos segundo o modelo das orações de Jesus em favor dos seus apóstolos e discípulos. - No mesmo sentido destaca o discurso da Última Ceia, do Evangelho de São João, onde Jesus pede ao Pai que os guardasse livres do pecado, que partilhassem da santidade divina, e que sempre houvesse união entre eles. Este elemento de união é tão importante para La Salle, que ele quer que seja semelhante à comunhão da Santíssima Trindade, pois este é o padrão supremo da união e da associação, o modelo máximo do ministério lassalista, e a fonte de sua bênção e consagração.

13. Uma espiritualidade de delegação de poder

Em sua espiritualidade, os professores lassalistas cooperam com Deus na obra da salvação dos seus alunos. Celebram a Deus que os delega como instrumentos e mediadores de seus dons salvíficos. Como instrumentos de Deus – ferramentas nas mãos de Deus – comunicam *para* e *com* seus alunos em sua função de embaixadores. Sua mensagem de Deus é uma mensagem de esperança, de amor, de dignidade e de respeito, que habilita os alunos a se verem moldados à imagem e semelhança de Deus, e dignos de seu amor. Esta perspectiva não toca somente o reino espiritual, mas, na escola lassalista tem a capacidade de forjar o currículo e a própria educação que os alunos recebem, tudo quanto dá sentido e finalidade à associação lassalista.

14. Uma espiritualidade de ação de graças

A espiritualidade lassaliana é também uma espiritualidade de agradecimento – uma atitude muito expressiva nos escritos espirituais de La Salle. Os professores são agradecidos pela bondade de Deus que os chamou e enviou; eles são agradecidos pelas “maravilhosas obras de Deus” que Ele realiza através deles em favor dos alunos que lhes foram confiados; eles rendem graças pela intervenção de Deus em favor dos jovens; eles dão graças a Deus pelos bons resultados de seus ensinamentos, e os benefícios que seus bons exemplos e serviços prestam aos alunos; eles rendem graças a Deus por Ele preservar seus alunos do mal; eles são agradecidos por partilharem no ministério de ensino de Cristo e de seus apóstolos.

15. Uma espiritualidade que move os corações

Finalmente, La Salle diz a seus discípulos que existe uma espécie de barômetro que mede o *como* e o *quanto* essa espiritualidade tem implicações práticas: em seu ministério eles devem “*mover os corações*”. Este elemento de sua espiritualidade, é tão central para eles, porque abre para a verdadeira finalidade do Instituto e para o chamado deles a serem lassalistas: a salvação dos seus alunos. Ao mesmo tempo, esse mover os corações é uma graça do Espírito de Deus e exige uma espécie de conversão. Em sua Meditação para a Solenidade de Pentecostes, as palavras de La Salle são muito claras:

“O emprego que exerceis vos obriga a mover os corações. Mas isto somente o podereis com a cooperação do Divino Espírito Santo. Pedi-lhe, queira conceder-vos, hoje, a mesma graça que infundiu nos santos Apóstolos e que, depois de vos encher do seu Espírito, a fim de santificar-vos, também vo-lo comunique para operardes a salvação dos outros” (*Méd. 43, 3*).

A espiritualidade abraçada pelos professores lassalistas hoje é um alimento não apenas porque sua energia brota de uma relação com o Deus vivo, mas também por ser uma espirituali-

dade de comunhão, de pertença. É uma espiritualidade que se engasta no amor e na afeição pelos alunos que Deus lhes envia. Para os alunos eles são guias, para eles são irmãos e irmãs de mais idade, mais experimentados. Mas, como foi citado um pouco acima, eles também são salvos e conduzidos a Deus por seus alunos! Para isto, todavia, torna-se necessária uma certa “humildade lassalista”, um convencer-se de que Deus opera de maneiras misteriosas – não apenas através deles, mas também através dos alunos. Tanto quanto eles evangelizam os seus alunos, os alunos evangelizam seus professores. Desta maneira, suas escolas são comunidades do Espírito, onde os alunos são amados e respeitados – especialmente os pobres. Na sua meditação para a solenidade da Epifania, La Salle urge seus discípulos a reconhecer e adorar Jesus neles!

Para os professores lassalistas, por conseguinte, sua espiritualidade os incita a concretizar para seus alunos a graça do chamado que receberam *através* deles e *em favor* deles. Esta realidade impulsiona todas as suas interações com seus alunos. Ao mesmo tempo, ao ouvirem a voz de Deus que chama e opera dentro deles – uma voz que eles também ouvem através dos seus alunos – eles igualmente os urgem a ouvir a voz do Espírito de Deus que clama profundamente dentro deles também. Novamente, em sua meditação para a Epifania, La Salle escreve:

“Deus concedeu a Samuel o favor de falar-lhe porque se apresentou por três vezes seguidas para ouvi-lo, assim que lhe percebeu a voz. São Paulo mereceu uma conversão completa, porque desde o princípio se fez dócil à voz de Jesus Cristo que o chamava. É o que deveis fazer a exemplo deles” (*Med. 96, 1*).

Conclusão

No capítulo 10, final da Regra de 1987, o artigo 146 dá um sentido de perspectiva não somente para a vitalidade do Instituto, mas também para o legado espiritual do santo Fundador, do qual o Instituto e todos aqueles que dele fazem parte, em variados graus, adquirem sentido.

“Os dons espirituais que a Igreja recebeu na pessoa de São João Batista de La Salle transbordam os limites do Instituto por ele fundado. Este reconhece, na existência dos diversos movimentos lassalistas, uma graça de Deus que lhe renova a própria vitalidade. Ele pode associar a si leigos que tendem à perfeição evangélica, segundo o espírito peculiar do Instituto, e que participam de sua missão. – Facilita-lhes a autonomia, cria com eles laços apropriados e avalia a autenticidade de seu caráter lassaliano” (*R. 146*).

Os “dons espirituais” a que este artigo faz referência, incluem a espiritualidade denominada de “lassaliana”, que os Irmãos e seus colegas associados e cooperadores leigos vivenciam e compartilham. É um dom que une ao Fundador aqueles que isto desejam, e serve de vínculo de comunicação e unidade entre si. E este vínculo é nada menos que a presença de Deus, pela qual, nos termos da Regra (*Art. 6*), se “nutrem permanentemente”. Em diálogo com Deus, uns com os outros, e com seus alunos, os professores lassalistas de hoje, cheios do mesmo Espírito que sustentava o Fundador, que sempre tem sustentado o Instituto, e continua a chamá-los do mais profundo de seu ser, para responderem com o testemunho de suas vidas o “para sempre!”, quando todo lassalista proclama a essência de sua espiritualidade, orando “Viva Jesus em nossos corações”!

Para prosseguir na reflexão e partilha em grupos

1. La Salle assevera que "vossos alunos são uma carta que Cristo dita a vós, e que vós escreveis cada dia em seus corações, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo". - De que maneira escrevem vocês essa carta? - Se alguém lhes pedisse que vocês escrevessem essa carta, o que haveriam de escrever? (Seção 1) - De que maneira isto otimiza seu senso de associação com outros lassalistas?
2. De que maneira, seus relacionamentos com os alunos são um elemento de suas experiências do sagrado?, daquilo que é santo? (Seção 4) - De que maneira isto otimiza seu senso de associação com outros lassalistas?
3. De que maneira, a história de seus itinerários diários está entretecida com a história de Deus? (Seção 5). - De que maneira isto encarece seu senso de associação com outros lassalistas?
4. De que maneira vocês levam Deus a seus alunos? - De que maneira seus alunos trazem Deus a vocês? (Seção 8) - De que maneira isto otimiza seu senso de associação com outros lassalistas?
5. De que maneira cumprem vocês o mandato de "mover os corações" de seus alunos? - De que maneira, seus alunos movem os corações de vocês? - (Seção 15). - De que maneira isto otimiza seu senso de associação com outros lassalistas?
6. De que maneira, vocês perceberam que sua associação com outros lassalistas foi otimizada pela espiritualidade de La Salle?

CONCLUSÃO; A IDENTIDADE LASSALISTA HOJE: UMA IDENTIDADE DIFERENCIADA

Irmão Robert Comte, fsc

Este dossiê visa a realçar os elementos essenciais da identidade lassalista, em torno dos pólos da missão, da consagração e da espiritualidade, com a comunidade e a associação vistas como dimensão transversal desta identidade.

A novidade da atual situação é que essa identidade lassalista, que, até há pouco, era considerada patrimônio exclusivo dos Irmãos, é agora reivindicada também por leigos, quer sejam indivíduos ou grupos: a atual diversidade dos lassalistas é sinal que a família agora inclui recém-vindos que os Irmãos sempre imaginaram que nunca haveriam de vir. Ser lassalista tem-se tornado um sinal de identificação: cada um à sua maneira, uns e outros compartilhando uma mesma identidade. Todos haurem sua inspiração do mesmo manancial e se empenham em nutrir suas vidas nele, especialmente sua identidade como educadores.

Essa consciência de pertencer à família lassalista se traduz, antes de tudo, pela maneira de ser ator, ou agente, na vida das instituições educacionais, pelas quais muitas vezes foi optado por esta razão. Sabemos também que os leigos vivem explicitamente várias formas de associação com os Irmãos, ou entre si, estas formas podendo ser muito variadas (não se devem esquecer formas mais antigas, como sejam as duas congregações religiosas, e os Institutos Seculares, que reivindicam o espírito lassaliano, bem como os grupos *Signum Fidei*, ou a Fraternidade Lassalista, antes denominada de Ordem Terceira Lassalista.

A própria diversidade de iniciativas que neste tempo estão surgindo em diversas regiões do mundo, bem como o tempo dedicado a este tema durante o último Capítulo Geral (*Atas do 43º Capítulo Geral, páginas 6 a 11*), nos desautorizam a pretender definir as diversas identidades lassalistas que estão emergindo em muitas partes. A questão é tanto mais complexa porque é preciso tomar em consideração as diversas afiliações religiosas de leigos lassalistas, em diversas regiões do mundo.

De qualquer forma, um ponto deve ficar claro: os Irmãos, logo o Instituto como tal, já não podem continuar a reivindicar a exclusividade do legado de La Salle. Esse legado, a partir de agora, é partilhado com outros, mesmo que os Irmãos, a título particular ainda que não exclusivo, continuem a ser “o coração, a memória e a garantia” dessa herança. A prazo mais ou menos longo ou curto, a interpretação da herança será deduzida da diversidade da família lassalista.

Igualmente, algo que deverá ser evitado a qualquer custo é que uns e outros compreendam suas respectivas identidades simplesmente comparando-se a partir de suas diferenças, uns tendo aquilo que outros não tivessem, ou mesmo uns considerando-se superiores aos outros (os Irmãos aos leigos associados, e estes àqueles que não tivessem assumido um prévio compromisso formal). Tentarei situar uns com relação a outros de duas maneiras que não se sobrepõem totalmente.

Primeiramente, pode-se dizer que certos membros, conquanto vivenciem fundamentalmente as mesmas coisas que outros, se tornam para estes **sinais** daquilo que todos são chamados a vivenciar: eles expressam publicamente por um gesto (diferente para os Irmãos e para os leigos associados), o sentido que dão à sua vida, e, em particular, à sua ação educativa. Necessariamente não fazem nada mais nem diferente do que os outros fazem; eles ousam dizer em nome de quê

ou de quem o fazem. Nem todos são chamados a essa forma de expressão, mas esse proceder é um apelo direcionado a todos para irem até as motivações de sua ação. Não há dúvida de que a maioria não se sentirá atraída por esse gesto: contudo, entre eles os há, e podem ser numerosos, que se reconhecem na inspiração lassaliana e atuam em sintonia com ela.

Pode-se dizer também que tanto os Irmãos como os leigos dão uma **ênfase** diferente à sua existência. Uns, os leigos, através do seu estilo de vida ressaltam sua inserção no mundo, num processo de *encarnação* que se manifesta em sua vida de família e também nos seus compromissos sociais ou políticos. Os outros, os Irmãos, expressam mais a dimensão *utópica*, idealista ou profética, através de sua vida fraterna inspirada nas primeiras comunidades cristãs. Também se poderia dizer que eles dão testemunho de uma esperança que ultrapassa a condição presente e faz referência à dimensão escatológica do destino humano. – Mas, trata-se de uma diferença de ênfase: em sua existência plenamente encarnada, os leigos não podem esquecer que seu destino só se cumpre na esperança escatológica. E em sua vida utópica, os Irmãos não podem ignorar que estão totalmente encarnados neste mundo (podem mesmo pretender desempenhar plenamente uma profissão, e trabalhar em instituições cujo significado social seja crucial).

Nos anos vindouros, uns e outros terão que aprender a viver no novo contexto: os Irmãos terão que acolher esses recém-vindos na família, sem se sentirem despossuídos daquilo que acreditavam ser patrimônio exclusivo seu. Os leigos terão que descobrir sua estatura plena lado a lado dos Irmãos, sem se submeterem a ser uma cópia difusa deles. Poderíamos questionar-nos se não somos convocados a sair da lógica do *ter* (em que cada um se agarra àquilo que calcula ser sua identidade), para entrar numa lógica de *dádiva* (cada um aceitando dar e receber em alternância recíproca), o que é a melhor maneira de reconhecermos totalmente uns aos outros.